



O Bhagavad-Gita, o Canto de Deus.

Capítulo I

O DILEMA DE ARJUNA

“O rei inquiriu: Sanjaya, por favor, agora diga-me, em detalhes, o que fizeram os meus (os Kauravas) e os Pandavas no campo de batalha antes da guerra começar? (1.01)

Sanjaya disse: Ó rei, após ver a batalha em formação o exército dos Pandavas, seu filho aproximou-se do seu guru e falou as seguintes palavras: (1.02)

Ó Mestre, observe este poderoso exército dos Pandavas, disposto em formação militar feito pelo outro talentoso discípulo! Ali estão muitos grandes guerreiros, homens valentes, heróis e poderosos arqueiros. (1.03-06)

Também ali estão muitos heróis do meu lado, que arriscam a suas vidas por mim. Eu nomearei alguns poucos comandantes do meu exército para a sua informação. Ele nomeou todos os oficiais de seu exército dizendo: Eles estão armados com muitas armas e são hábeis na luta. (1.07-09)

A proteção do exército de nosso comandante em chefe é insuficiente, enquanto que meu arqu inimigo, no seu lado, está bem protegido. Portanto, todos os seus ocupam-se nas suas respectivas posições, protegendo seu comandante em chefe. (1.10-11)

O poderoso comandante em chefe, e o avô da dinastia, sopraram suas conchas ruidosamente, fazendo-as rugir como leões, alegrando seu filho. (1.12).

Pouco tempo depois: conchas, tambores, címbalos, tamboretas e trompetes foram tocados juntos. A comoção foi tremenda. (1.13)

Depois disto, o Senhor Krishna e Arjuna, sentados na grande quadriga, emparelhada com seus cavalos brancos, sopraram seus búzios celestiais. (1.14)

Krishna soprou o Seu búzio; então Arjuna e todos os outros companheiros, das diversas divisões do exército dos Pandavas, sopraram seus búzios

Fraternidade Guardiões do Amor Supremo

respectivos. O turbulento ruído ressoou através da Terra e do céu, rasgando o coração dos seus filhos. (1.15-19).

Visto a guerra aproximando-se do início, seus filhos de pé, e com arremesso das armas; Arjuna pegou o seu arco-e-flecha e falou as seguintes palavras para Krishna: Ó Senhor, por favor pare a quadriga entre os dois exércitos até que eu observe os que estão de pé, ansiosos para a batalha e a quem eu devo ocupar-me neste ato de guerra. (1.20-22)

Eu desejo ver aquele que estão de bom grado para servir e que apaziguam a mente perversa dos Kauravas, reunidos aqui no campo de batalha. (1.23)

Sanjaya disse: Ó rei, o Senhor Krishna, assim foi requerido por Arjuna, colocando a melhor de todas as quadrigas no meio dos dois exércitos, encarando seus avós, seu guru e todos os outros reis, e disse para Arjuna: Observe estes soldados reunidos! (1.24-25)

Arjuna viu seus tios, avós, professores, tios paternos, irmãos, filhos, netos, e outros camaradas no exército. (1.26)

Após ter visto seus sogros, companheiros, e todos os seus parentes situados no posto dos dois exércitos, Arjuna ficou com grande compaixão e pesar, dizendo as seguintes palavras: Ó Krishna, vendo meus parentes, fixos com o desejo de lutar, meus membros tremem, minha boca começa a secar. Meu corpo estremece e meus cabelos se arrepiam. (1.27-29)

O arco escorrega de minhas mãos e minha pele queima. Minha cabeça tonteia, e eu estou incapaz de ficar de pé e, Ó Krishna, eu pressinto maus presságios. Não vejo nenhum proveito em matar meus parentes na batalha. (1.30-31)

Eu não desejo nenhuma vitória, prazer ou reino, Ó Krishna. Qual é o uso de um reino ou da diversão, ou mesmo da vida, Ó Krishna?; por causa de tudo aquilo – por quem deseja reinos, diversões, e prazeres – aqui se está sustentando para a batalha, entregando suas vidas? (1.32-33)

Eu não desejo matar meus professores, tios, filhos, avós, tios maternos, sogros, netos, cunhados, e outros parentes que estão prestes a matar-nos, mesmo pela soberania dos três mundos, sem falar neste reino terrestre, Ó Krishna. (1.34-35)

Ó Senhor Krishna, que prazer há em matar nossos primos? Por matar nossos semelhantes nós iremos incorrer em crime, portanto, em pecado. (1.36)

Portanto, nós não mataremos nossos primos. Como pode alguém ser feliz após matar seus parentes, Ó Krishna? (1.37)

De qualquer modo, eles estão cegos pela ambição e não vêem a maldade na destruição da família, ou pecado em serem traidores dos seus amigos; Por que nós, que claramente vemos o mal na destruição da família, não deveríamos pensar em afastar este pecado, Ó Krishna? (1.38-39)

A eterna tradição familiar e o código da conduta moral é destruída com o desmantelamento da (cabeça da) família, na guerra. E a imoralidade prevalece na família devido a destruição das tradições familiares. (1.40)

A quando a imoralidade prevalece, Ó Krishna, as pessoas tornam-se corruptas. E quando as pessoas se tornam corruptas nasce progênie não desejada. (1.41)

Isto conduz a família e os assassinos da família para o inferno, porque o espírito de seus ancestrais são degradados quando são privados de cerimônias de oferendas de amor e respeito, devido a progênie não desejada. (1.42)

As qualidades eternas da ordem social e a tradição familiar, daqueles que destroem a suas famílias, são arruinadas pelos atos pecaminosos da ilegitimidade. (1.43)

Nós sabemos, Ó Krishna, que a pessoa cuja as tradições da família são destruídas, necessariamente permanecem no inferno por um bom tempo. (1.44)

Ai de mim! Nós estamos prestes a cometer um grande pecado por aspirar assassinar nossos parentes, por causa da ambição da satisfação de um reino. (1.45)

Será melhor para mim se meus primos matarem-me com suas armas em batalha, e que eu esteja desarmado e sem resistir. (1.46)

Sanjaya disse: Tendo dito isso no campo de batalhas, e deixando de lado o seu arco e flechas, Arjuna sentou-se na quadriga com sua mente confusa e com tristeza. (1.47)

Capítulo II

O CONHECIMENTO TRANSCENDENTAL

Sanjaya disse: O Senhor Krishna falou as seguintes palavras para o abatido Arjuna, cujos olhos estavam lacrimosos, e que estava sob a compaixão e o desespero. (2.01)

O Senhor Krishna disse: Como pode a tristeza chegar até você nesta conjuntura? Isto não é adequado para uma pessoa de mente nobre e de ação. Isto é uma grande desgraça, e não fará nada para conduzir ninguém aos céus, Ó Arjuna. (2.02)

Não se torne um covarde, Ó Arjuna, porque isto não é adequado para você. Livre-se desta fraqueza trivial do seu coração, e levante-se para a batalha, Ó Arjuna. (2.03)

Arjuna disse: como poderei golpear meu avô, meu guru, e todos os outros parentes - que são merecedores de meu respeito – com flechas na batalha, Ó Krishna? (2.04)

Realmente, será melhor viver de esmolas neste mundo do que matar estas nobres personalidades, porque por matá-los Eu obterei riquezas e prazeres manchados com seus sangue. (2.05)

Nós não conhecemos qual alternativa – lutar ou abandonar – é melhor para nós. Além disto, nós não sabemos se nós iremos conquistá-los ou se eles irão conquistar-nos. Nós nem mesmo desejaremos viver após matar nossos primos que estão diante de nós. (2.06)

Meus sentidos confundem-se pela fraqueza da piedade, e minha mente está confusa sobre a obrigação (Dharma). Por favor, diga-me o que é melhor para mim. Eu sou Seu discípulo, e abrigo-me em Você. (2.07)

Eu não percebo que o ganho de um incomparável e próspero reino por sobre esta Terra, ou mesmo por sobre a nobreza de todos os controladores celestiais, removerão a aflição que está esgotando os meus sentidos. (2.08)

Sanjaya disse: Ó rei, após ter falado deste jeito para o Senhor Krishna, o poderoso Arjuna disse: “Eu não irei lutar!”, e ficou em silêncio. (2.09)

Ó rei, o Senhor Krishna, como se sorrisse, falou as seguintes palavras para o angustiado Arjuna no meio dos dois exércitos. (2.10)

O Senhor Krishna disse: dizendo sábias palavras, “Seu lamento por aqueles não merece o seu pesar. O sábio nunca se lamenta nem pelos vivos e nem pelos mortos”. (2.11)

Nunca houve um tempo que todos estes monarcas, você, ou Eu não tenhamos existido, e nem deixaremos de existir no futuro. (2.12)

Os contatos dos sentidos com os objetos dos sentidos causam os sentimentos de calor e frio, dor e prazer. Eles são transitórios e impermanentes. Portanto, deve-se carregá-los corajosamente. (2.14)

Porque uma pessoa tranqüila – que não se aflige por estes objetos dos sentidos e mantém-se firme na dor e no prazer – torna-se adequada para a salvação. (2.15)

O Ser invisível (Atma, Atman, a alma, o espírito, a força vital), é eterna. O corpo físico visível é transitório, e passa por mudanças. A realidade destes dois, de fato, é realmente vista pelos videntes da verdade, que conhecem que nós não somos estes corpos, mas o Atma. (2.16)

O espírito, pelo qual o universo todo está impregnado, é indestrutível. Ninguém pode destruir o Espírito imperecível. (2.17)

O corpo físico do que é eterno, imutável e incompreensível Espírito, é mortal. O Espírito (Atma) é imortal. Portanto, enquanto guerreiro, você deve lutar, Ó Arjuna. (2.18)

Aquele que pensa que o Espírito é morto, e aquele que pensa que o Espírito mata, ambos são ignorantes, porque o Espírito nunca mata nem é morto. (2.19)

O Espírito nunca nasce e nem morre em qualquer tempo; nunca vem a ser ou cessa de existir. Ele é não nascido, eterno, permanente e originário. Ele não se extingue quando o corpo se extingue. (2.20)

Ó Arjuna, como pode uma pessoa que pensa que o Espírito é indestrutível, eterno, não nascido e imutável, matar alguém ou fazer com que alguém seja morto? (2.21)

Assim como uma pessoa coloca uma nova roupa após desfazer-se das velhas, similarmente, a entidade viva, ou a alma individual, adquire um novo corpo após jogar fora o velho corpo. (2.22)

As armas não podem cortar o Espírito, o fogo não pode queimá-lo, a água não pode molhá-lo, e o vento não pode secá-lo. O Espírito não pode ser cortado, queimado, molhado, ou seco. Ele é eterno, todo penetrante, imutável, imóvel e original. O Atma está além do espaço e do tempo. (2.23-24)

O Espírito é dito como imperecível, incompreensível, e imutável. Sabendo que o Espírito é como tal você não deve lamentar-se pelo corpo físico. (2.25)

Mesmo se você pensar que o corpo físico nasce e morre perpetuamente, então, Ó Arjuna, você não deve lamentar-se, porque a morte é certa para aquele que nasce, e o nascimento é certo para aquele que morre. Portanto, você não deve lamentar-se sobre a morte inevitável. (2.26-27)

Todos os seres são imanifestos, ou invisíveis, para os seus olhos físicos antes de nascer e depois da morte. Eles são manifestos somente entre o nascimento e a morte. O quê tem para se lamentar? (2.28)

Alguns falam sobre este Espírito como um enigma, outros o descrevem como uma maravilha, e outros ouviram sobre ele como algo maravilhoso. Mesmo após ter ouvido sobre isto, muito poucas pessoas conhecem sobre o que é o Espírito. (2.29)

Ó Arjuna, o Espírito que reside no corpo de todos os seres é eterno e indestrutível. Portanto, você não deve enlutar-se por ninguém. (2.30)

Considerando, também, a sua condição enquanto guerreiro, você não deve hesitar, porque não há nada mais auspicioso do que alguém realizar a sua responsabilidade na vida. (2.31)

Somente afortunados guerreiros, Ó Arjuna, recebem semelhante oportunidade para uma guerra justa contra o mal, que é como uma porta

aberta para o céu. (2.32)

Se você não lutar nesta batalha do bem sobre o mal, você irá fracassar no seu dever, perderá a sua reputação como um guerreiro, e incorrerá em pecado por não realizar a ação correta. (2.33)

As pessoas irão falar sobre sua desgraça por um longo tempo. Para o ilustre, a desonra é pior do que a morte. (2.34)

Os grandes guerreiros irão pensar que você fugiu do campo de batalha por medo. Aqueles que muito te estimam irão perder o respeito por você. (2.35)

Seus inimigos irão falar muitas palavras com desdém sobre suas habilidades. O que poderá ser mais doloroso para você do que isto? (2.36)

Você irá alcançar o paraíso se matar no cumprimento de sua obrigação, ou você gozará o reino da Terra se vitorioso. Nada acontecerá se você vencer. Portanto, erga-se com determinação para lutar, Ó Arjuna. (2.37)

Engaje-se da mesma forma, no manejo da luta, no prazer ou dor, ganho ou perda, vitória e derrota, no seu dever. Por fazer sua obrigação deste jeito você não irá incorrer em pecado. (2.38)

A ciência do conhecimento transcendental há sido dividida para você, Ó Arjuna. Agora ouça a ciência dedicada de Deus, ação desapegada (Seva), por ela favorecida você irá tornar-se livre do cativo kármico, ou pecado. (2.39)

Na há perda de tempo no serviço desapegado, e nele não há efeitos adversos. Mesmo uma pequena prática nesta disciplina protege alguém do repetido ciclo de nascimentos e mortes. (2.40)

Um trabalhador desapegado possui resoluta determinação somente na realização de Deus, mas os desejos de quem trabalha para desfrutar os frutos do trabalho são infinitos os quais tornam a mente inquieta. (2.41)

A pessoa enganada, que se deleita nos melodiosos cantos dos Vedas – sem o entendimento do real propósito dos Vedas – pensa, Ó Arjuna, que não há nada mais nos Vedas exceto rituais, com o único propósito de obter o regozijo celeste. (2.42)

Eles estão dominados pelos desejos materiais e consideram o alcançar do paraíso como a meta mais elevada da vida. Eles ocupam-se em ritos específicos com o propósito de prosperidade material e gratificação. O renascimento é o resultado destas ações (2.43)

A auto-realização – a real meta da vida – não é possível para aqueles que estão apegados ao prazer e poder, e para quem o juízo está obscurecido pelos rituais e atividades para a satisfação dos desejos egoístas. (2.44)

A parte dos Vedas trata dos três modos – bondade, paixão e ignorância – da natureza material. Eleve-se acima destes três modos, e seja auto-consciente. Torne-se livre da tirania do par de opostos. Fique tranqüilo e indiferente com os pensamentos de aquisição e preservação de objetos materiais. (2.45)

Para a pessoa iluminada, que está realizada na verdadeira natureza do Ser interior, os Vedas tornam-se proveitosos como um pequeno reservatório de água, tornando-se disponível como a água de um grande lago. (2.46)

Você tem o controle sobre os feitos apenas da sua responsabilidade, mas não controle ou reclamação sobre os resultados. Os frutos do trabalho não devem ser seu motivo, e você nunca deverá ser inativo. (2.47)

Faça as suas ações no melhor de suas habilidades, Ó Arjuna, com sua mente ligada ao Senhor, abandonando a preocupação e o apego egoísta para os resultados, permanecendo calmo tanto no sucesso como no fracasso. O serviço sem egoísmo traz paz e tranqüilidade da mente, que conduz a união com Deus. (2.48)

O trabalho feito com motivo egoísta é inferior e está longe do serviço desapegado. Portanto, seja um trabalhador desapegado, Ó Arjuna. Aqueles que trabalham apenas para o gozo dos frutos dos seus trabalhos são infelizes (porque não se tem controle sobre os resultados). (2.49)

Um Karmayogi, ou uma pessoa desapegada, torna-se livre tanto da virtude como do vício em sua vida. Portanto, esforce-se por serviço desapegado. Trabalhar o melhor das suas habilidades, sem apegar-se egoisticamente pelos frutos do trabalho, chama-se Karmayoga ou Seva. (2.50)

Os Karma Yogis estão livres do cativo do renascimento, devido a renúncia do serviço desapegado aos frutos de todo trabalho, alcançando um divino

estado de salvação ou Nirvana. (2.51)

Quando seu intelecto perfurar completamente o véu da confusão a respeito do Ser e do não-Ser, então você irá tornar-se indiferente para o que foi dito e o que é para ser escutado das escrituras. (2.52)

Quando o seu intelecto, que está confuso pelo conflito de opiniões e pela doutrina ritualística dos Vedas, ficar firme e sólido, centrando-se no Ser Supremo, então você irá ser iluminado e irá se unir completamente com Deus em transe. (2.53)

Arjuna disse: Ó Krishna, quais são os sinais de uma pessoa iluminada, cujo o intelecto está firme? O que pensa e fala uma pessoa de intelecto firme? Como se comporta semelhante pessoa com os outros, e como vive neste mundo? (2.54)

O Senhor Krishna disse: quando alguém está completamente livre de todos os desejos da mente, e está satisfeito com a bem-aventurança do Ser Supremo, então essa pessoa é chamada de iluminada. Ó Arjuna. (2.55)

Uma pessoa é chamada de sábio iluminado, de firme intelecto, cuja mente está imperturbável pela adversidade, que não deseja prazer, e que está completamente livre de apegos, medo ou ira. (2.56)

A mente e o intelecto de uma pessoa torna-se firme se não é apegada a qualquer coisa, que não se exalta pelo desejo de lucro de resultado, nem se perturba pelos resultados indesejados. (2.57)

Quando alguém consegue retirar completamente o sentimento dos objetos dos sentidos, assim como uma tartaruga retrocede seus membros para dentro do seu casco, por proteger-se, no mesmo modo faz o intelecto de uma pessoa considerada firme. (2.58)

O desejo por prazeres sensuais desaparece se se abstém do gozo dos sentidos, mas o desejo pelo gozo dos sentidos permanece em muitas formas sutis. Esta sutil forma desaparece por completo também naquele que conhece o Ser Supremo. (2.59)

Os sentidos impacientes, Ó Arjuna, forçosamente fascinam a mente mesmo de uma pessoa sábia que aspire por perfeição. (2.60)

Aquele que fixa a sua mente em Deus com amor contemplativo, após trazer os sentidos sob controle; e de quem o os objetos dos sentidos estão sobre completo controle, o intelecto torna-se firme. (2.61)

Desenvolve-se apego aos objetos dos sentidos pensando-se nos objetos dos sentidos. O desejo pelos objetos dos sentidos advém do apego aos objetos dos sentidos, e a ira advém dos desejos não realizados. (2.62)

A ilusão ou idéias desordenadas surgem da ira. A mente é confundida pela ilusão. A razão é destruída quando a mente está confusa. Cai-se do caminho da retidão quando a razão é destruída, (2.63)

Uma pessoa disciplinada, regozija os objetos dos sentidos com os sentidos que estão sob controle, e livres dos apegos e das aversões, obtendo a tranqüilidade. (2.64)

Todos os sofrimentos são destruídos sob o alcance da tranqüilidade. O intelecto de tal pessoa tranqüila em breve torna-se completamente firme, e em união como Supremo. (2.65)

Não há auto-conhecimento nem auto-percepção naqueles que não estão em união como Supremo. Sem auto-percepção não há paz, e sem paz não se pode ter felicidade. (2.66)

A mente, quando controlada pelo vaguear dos sentidos, rouba o intelecto, do mesmo modo que uma tempestade desvia um barco no mar do seu destino - a praia espiritual da paz e da felicidade. (2.67)

Portanto, Ó Arjuna, o intelecto torna-se firme naquele em que os sentidos são completamente retirados dos objetos dos sentidos. (2.68)

Um yogi, a pessoa auto-controlada, permanece vigilante quando é noite para todos os outros. É noite para o yogi, que vê quando todos estão acordados. (2.69)

Obtêm-se a paz quando todos os desejos dissipam-se dentro da mente sem criar qualquer distúrbio mental, como as águas de um rio entram no oceano pleno sem criar qualquer distúrbio. Aquele que deseja os objetos matérias jamais possui paz. (2.70)

Aquele que abandona todos os desejos materiais torna-se livre da saudade dos sentimentos de “eu” e “meu”, alcançando a paz. (2.71)

O Arjuna, este é o estado de superconsciência da mente. Alcançando tal estado, não se é enganado. Conquistando este estado, mesmo no fim da vida, uma pessoa alcança a verdadeira meta da vida humana, tornando-se uno com Deus. (2.72)

Capítulo III

CAMINHO DO SERVIÇO SEM EGOÍSMO

Arjuna perguntou: se Você diz que adquirir conhecimento é melhor do que agir, então por que quer que eu me ocupe nesta guerra horrível, Ó Krishna? Parece que Você quer confundir a minha mente, aparentemente, por palavras conflitantes. Diga-me, decisivamente, uma coisa pela qual eu possa alcançar o Supremo. (3.01-02)

O Senhor Krishna disse: neste mundo, através do tempo, Eu tenho declarado um duplo caminho de disciplina espiritual: o caminho do autoconhecimento para os contemplativos, e o caminho do trabalho não-egoísta (desapegado) (Seva, Karmayoga) para todos os outros. (3.03)

Não se alcança a liberdade do cativo do karma pela simples abstenção do trabalho. Ninguém alcança a perfeição meramente abandonando o trabalho, porque ninguém pode ficar sem ação, mesmo por um momento. Tudo no universo é dirigido pela ação – realmente não tem saída – pelas forças da natureza. (3.04-05)

Qualquer um que refreie os sentidos, mas, que mentalmente pensa nos prazeres sensoriais é chamado de embusteiro. (3.06)

Aquele que controla os sentidos – pela educação e purificação da mente e intelecto – e que ocupa os órgãos e ações ao serviço abnegado é considerado superior. (3.07)

Execute suas obrigações porque o trabalhar é, de veras, melhor do que cruzar os braços. Mesmo a manutenção do seu corpo seria impossível sem trabalho. (3.08)

Os seres humanos são limitados pelo trabalho (Karma) que não é realizado como serviço abnegado (Seva, Yajña). Portanto, torne-se livre do apego egoísta aos frutos do trabalho, fazendo suas obrigações eficientemente como um serviço para Deus, para o bem da humanidade. (3.09)

No começo o criador criou os seres humanos junto com o serviço privado de egoísmo (serviço generoso ou Seva, Yajna, sacrifício) e disse: “Pelo serviço de uns aos outros você irá prosperar, e o serviço sacrificial irá realizar todos os seus desejos. (3.10)

Satisfaça os controladores celestes com serviço desapegado, e eles irão satisfazer você. Deste modo, um satisfaz o outro, e você irá alcançar a meta Suprema. (3.11)

Os controladores celestes, sendo atendidos e satisfeitos pelo serviço abnegado, darão a você todos os objetos desejados. Aquele que goza com os presentes dos controladores celestes sem compartilhar com os outros é, realmente, um ladrão. (3.12)

O justo, que come após compartilhar com os outros, está livres de todos os pecados, mas, o ímpio, que cozinha o alimento apenas para si mesmo (sem primeiro oferecer para Deus ou distribuir com os outros), na verdade, come pecado. (3.13)

Os seres vivos são sustentados pelos alimentos dos grãos; os grãos são resultados do sacrifício do trabalho ou da obrigação realizada pelos lavradores e outros trabalhadores do campo. A responsabilidade está prescrita nas escrituras. As escrituras vêm do Ser Supremo. Assim, o Ser Supremo, que a tudo penetra, ou Deus, está sempre presente no serviço livre de egoísmo. (3.14-15)

Aquele que não auxilia para manter o movimento circular da criação em movimento, pela obrigação sacrificial (Seva), e se regozija nos prazeres dos sentidos, tal pecaminosa pessoa, vive em vão. (3.16)

Para aquele que se regozija apenas com o Ser Supremo, que se satisfaz com o Ser Supremo, e que está contente apenas com o Ser Supremo, para tal pessoa auto-realizada não há obrigações. Para tal pessoa não há interesse, seja qual for, no que fazer ou no que não fazer. Uma pessoa auto-realizada não depende de ninguém, exceto Deus, para qualquer coisa. (3.17-18)

Execute sempre as suas obrigações eficientemente, e sem qualquer apego egoísta, tendo em vista os resultados, porque por fazer o trabalho sem apegos alcança-se a suprema meta da vida. (3.19)

O rei Janaka, e muitos outros, alcançaram a perfeição da auto-realização apenas pelo serviço sem egoísmo (Karmayoga). Você também deve executar suas obrigações com uma visão para guiar as pessoas, e para o bem-estar da sociedade. (3.20)

Porque não importa o que uma pessoa nobre faz, os outros a seguem.

Quaisquer padrões normais que eles realizam o mundo acompanha. (3.21)

Ó Arjuna, não há nada nos três mundos – o céu, a Terra, e as regiões inferiores – que precisa ser feito por Mim, nem há qualquer coisa que Eu tenha ou não tenha que obter; apesar disto Eu me ocupo em ação. (3.22)

Se eu não Me ocupasse em ação rigorosamente, Ó Arjuna, as pessoas iriam seguir o mesmo caminho em todas as vias. Este mundo pereceria se Eu não trabalhasse, e Eu seria causa de confusão e destruição. (3.23-24)

O ignorante trabalha com apego aos frutos do resultado do trabalho, por si próprio, e o sábio trabalha sem apego, pelo bem-estar do mundo. (3.25)

O sábio não se preocupa, mas, inspira os outros pela realização eficiente de todos os trabalhos, sem egoísmo e apego; a mente do ignorante está apegada aos frutos do trabalho. (3.26)

As forças da natureza fazem todo o trabalho, mas devido a ilusão uma pessoa ignorante supõem-se a si mesma como executora. (3.27)

Aquele que conhece a verdade sobre as regras das forças da natureza, em receber o trabalho feito, não se torna apegado ao trabalho. Tal pessoa percebe que isso se deve às forças da natureza, adquiridas pelo trabalho dele, pelo uso dos seus órgãos e instrumentos. (3.28)

Aqueles que estão iludidos pelo poder ilusório (Maya) da natureza, tornam-se apegados ao trabalho, feito pelas forças da natureza. O sábio não de perturba, como a mente do ignorante cujo conhecimento é imperfeito. (3.29)

Faças as suas obrigações prescritas, dedicando todo o trabalho para Deus num estado espiritual da mente, livre do desejo, apego e tristeza mental. (3.30)

Aqueles que sempre praticam este ensinamento Meu – com fé e livres de críticas - tornam-se livre do cativo do Karma. Mas aqueles que encontram defeito nestes ensinamentos, e que não praticam isto, são considerados ignorantes, confusos e estúpidos. (3.31-32)

Todos os seres seguem sua natureza. Mesmo o sábio atua de acordo com a sua própria natureza. Se nós somos a garantia de nossa natureza, qual, então, é o mérito do sentido da contenção? (3.33)

O apego e aversões pelos objetos dos sentidos permanecem nos sentidos. Não se deve ficar sobre o controle destes dois, porque eles são os dois maiores obstáculos, sem dúvida, de alguém no caminho da auto-realização. (3.34)

O trabalho natural inferior é melhor que o trabalho superior não natural. Mesmo a morte na realização da obrigação (natural) é proveitosa. Trabalho não natural produz elevada tensão. (3.35)

Arjuna disse: Ó Krishna, o que impele alguém a cometer pecados ou ações egoístas, mesmo contra a sua vontade, sendo forçada de novo a querê-los? (3.36)

O Senhor Krishna disse: é a luxúria, nascida dentre a paixão, que se transforma em ira quando insatisfeita. A luxúria é insaciável, e é um grande demônio. Conheça-a como o inimigo. (3.37)

Como o fogo é encoberto pela fumaça, um espelho é encoberto pelo pó, e como um embrião está encoberto pelo ventre, de forma similar, o autoconhecimento é encoberto pelos diferentes degraus da luxúria insaciável, a inimiga eterna do sábio. (3.38-39)

Os sentidos, a mente e a inteligência diz-se que são o lugares da luxúria. A luxúria ilude uma pessoa controlando-lhe os sentidos, a mente, a inteligência, e velando o autoconhecimento. (3.40)

Portanto, pelo controle dos sentidos, primeiro mate todos os maldosos desejos materiais (ou luxúria), que destrói o autoconhecimento e a auto-realização. (3.41)

Os sentidos são superiores ao corpo; a mente é superior aos sentidos; a inteligência é superior à mente, e o Ser é superior ao intelecto. (3.42)

Assim, conhecendo o Ser como o mais alto, e controlando a mente pela inteligência, que é purificada pela prática espiritual, deve-se matar este poderoso inimigo, luxúria, Ó Arjuna, com a espada do conhecimento verdadeiro do Ser. (3.43)

Capítulo IV

CAMINHO DA RENÚNCIA PELO CONHECIMENTO

O Senhor Krishna disse: Eu ensinei este Karmayoga, a ciência eterna da retidão, para o rei Visvavan; Visvasvan ensinou-o a Manu; Manu ensinou-o para Ikshvaku. Deste modo, os santos reis conheceram esta ciência da ação própria (Karmayoga), passando para as próximas gerações sucessivamente. Após um longo tempo, esta ciência perdeu-se por sobre a Terra. Hoje, eu descrevi esta mesma ciência antiga para você, porque você é meu devoto sincero e amigo. Esta ciência é, realmente, um mistério supremo (4.01-03).

Arjuna disse: Você nasceu depois, mas Visvasvan nasceu nos tempos antigos. Como posso eu entender que Você ensinou esta ciência no começo da criação? (4.04)

O Senhor Krishna disse: ambos, você e Eu, tivemos muitos nascimentos. Eu me lembro de todos eles, Ó Arjuna, mas você não se lembra. (4.05)

Apesar de Eu ser eterno, imutável, e o Senhor de todos os seres, todavia, Eu me manifesto pelo controle da natureza material, usando minha própria energia potencial. (4.06)

Toda a vez que há um declínio do Dharma (reto-agir; Justiça) e a predominância de Adharma (injustiça), Ó Arjuna, Eu Me manifesto. Eu apareço de tempos em tempos para proteger os bons, para mudar os malvados, e restabelecer a ordem no mundo (Dharma). (4.07-08)

Aquele que verdadeiramente entende Minha aparência transcendental, e atividades da criação, manutenção, e dissolução, alcança Minha Suprema Morada, e não volta a nascer após abandonar este corpo, Ó Arjuna (4.09).

Muitos têm se tornado livres do apego, medo, ira e alcançam a salvação por refugiarem-se em Mim, tornando-se completamente absorvidos em pensamentos em Mim, e por receber a purificação do fogo do auto-conhecimento (4.10)

Não importa o motivo que as pessoas Me adoram, Eu, conseqüentemente, realizo os seus desejos. As pessoas Me adoram com diferentes motivos (4.11)

Aqueles que estão ansiosos por sucesso em seu trabalho neste mundo adoram os controladores celestes. O sucesso no trabalho chega rapidamente

neste mundo humano (4.12).

Eu criei as quatro divisões da sociedade humana baseado na aptidão e na vocação. De qualquer forma, Eu sou o autor deste sistema de divisão do trabalho; deve-se saber que Eu não faço nada diretamente, e que Eu sou eterno (4.13).

O trabalho, ou Karma, não prendem a Mim, porque Eu não possuo desejo pelos frutos do trabalho. Aquele que plenamente entende, e pratica esta verdade, também não fica atado pelo Karma (4.14).

Os antigos buscadores da salvação, também, realizaram suas obrigações sem interesse pelos frutos. Portanto, você deve realizar as suas obrigações como os antigos fizeram (4.15).

Mesmo um sábio confunde-se sobre o que é ação e o que é inação. Portanto, Eu explicarei claramente o que é ação; conhecendo isto se é liberado do mal do nascimento e da morte (4.16).

A verdadeira natureza da ação é muito difícil de ser entendida. Portanto, deve-se conhecer a natureza da ação apegada, a natureza da ação desapegada, e, também, a natureza da ação proibida (4.17).

Aquele que vê a inação na ação e a ação na inação, é uma pessoa sábia. Tal pessoa é um yogi e possui tudo por completo (4.18).

Aquele cujos desejos tenham se tornado livres do egoísmo, tendo sido tostado pelo fogo do auto-conhecimento, é chamado de sábio pelo sábio (4.19)

Aquele que abandonou ao apego egoísta pelos frutos do trabalho, e que permanece sempre contente, dependente do Deus único, tal pessoa – apesar de ocupada em atividade – nada faz que incorra em reação kármica (4.20)

Aquele que está livre dos desejos, cuja mente e sentidos estão sob controle, e que tem renunciado todo o direito de propriedade, não incorre em pecado – a reação kármica – por realizar ação material (4.21).

Um Karmayogi – que está contente com qualquer ganho advindo naturalmente da Sua vontade; que não se afeta pelo par de opostos; que está livre da inveja; que é tranquilo no sucesso e no fracasso – não é atado pelo Karma (4.22).

Todas as obrigações de um Karmayogi – que está livre do apego, em que a mente está fixa no auto-conhecimento, e que faz o trabalho como um serviço para o Senhor – desfazem-se (4.23).

O divino espírito é a causa transformadora de tudo. A Divindade (Brahman, o Ser, o Espírito) será realizada por aqueles que consideram tudo como uma manifestação (ou um ato) do Divino (4.24).

Alguns yogis realizam o serviço de adoração aos controladores celestiais, enquanto outros estudam as escrituras para o auto-conhecimento. Alguns controlam os seus sentidos e abandonam seus prazeres sensuais. Outros, realizam respiratórios, e outros oferecem sua riqueza como um sacrifício (4.25-28)

Há os que se ocupam nas práticas yóguicas, alcançando o estado de transe do cessar do movimento do alento, pelo oferecer a inalação dentro da exalação, e da exalação dentro da inalação, como um sacrifício (pelo uso da respiração curta, nas técnicas de Kriya yoga) (4.29).

Outros restringem suas dietas e oferecem suas inalações como um sacrifício dentro de suas inspirações respiratórias. Todas estas pessoas são conhecedoras do sacrifício e suas mentes tornam-se purificadas pelos seus sacrifícios (4.30).

Aqueles que realizam o serviço desapegado obtém o néctar do auto-conhecimento, como um resultado de seus sacrifícios, e alcançam o Ser Supremo. Ó Arjuna, se este mundo não é um lugar feliz para o que não realiza sacrifícios, como querer que o outro mundo seja? (4.31)

Muitos tipos de disciplinas espirituais estão descritas nos Vedas. Saiba que todas elas são a ação do corpo, mente e sentidos, movimentadas pelas forças da natureza. Compreendendo isto, se alcançará o Nirvana, ou salvação (4.32)

A aquisição e a propagação do auto-conhecimento é superior a qualquer ganho material ou presente, porque a purificação da mente e a inteligência, no final das contas, conduz para a aparição do conhecimento transcendental e auto-realização – o único propósito de qualquer prática espiritual (4.33).

Adquire-se este conhecimento transcendental de um mestre auto-realizado, pela humilde reverência, pela investigação sincera, e pelo serviço. Alguém autorizado, que possua a verdade realizada, irá ensinar você (4.34).

Após conhecer a ciência transcendental, Ó Arjuna, você não tornará a iludir-se deste jeito. Com este conhecimento você verá a criação inteira dentro do seu Ser Superior, e, assim, dentro de Mim (4.35).

Mesmo se alguém for o maior pecador de todos os pecadores, poderá cruzar o rio do pecado pela balsa do auto-conhecimento (4.36).

O fogo do auto-conhecimento reduz todas as amarras do Karma a cinzas, Ó Arjuna, como a chama do fogo reduz a madeira a cinzas (4.37).

Verdadeiramente, não há nada mais puro neste mundo do que o conhecimento do Ser Supremo. Aquele que descobre este conhecimento interiormente, de forma natural, no curso do tempo, quando suas mentes estão limpas e livres do egoísmo pelo KarmaYoga (4.38).

Aquele que possui fé em Deus, e é sincero na prática yóguica e por sobre o controle da mente e dos sentidos, recebe este conhecimento transcendental. Tendo recebido este conhecimento, rapidamente alcança-se paz Suprema ou liberação (4.39).

O irracional, o sem fé, e o incrédulo (ateísta), perecem . não há nada neste mundo nem no mundo vindouro, nem alegrias, para um incrédulo (4.40).

O trabalho não ata uma pessoa que o renunciou – renunciando os frutos do trabalho – através do KarmaYoga e cuja confusão a respeito do corpo e do espírito é completamente destruída pelo auto-conhecimento, Ó Arjuna (4.41).

Portanto, corte a ignorância nascida da confusão a respeito do corpo e do Espírito pela tesoura do auto-conhecimento, refugiando-se no KarmaYoga, e levante-se para a guerra, Ó Arjuna (4.42).

Capítulo V

CAMINHO DA RENÚNCIA

Arjuna disse: Ó Krishna, Você enalteceu o caminho do conhecimento transcendental, e também o caminho do serviço altruísta (Karmayoga). Diga-me, definitivamente, qual é o melhor entre os dois caminhos? (5.01).

O Senhor Krishna disse: Tanto o caminho do auto-conhecimento como o caminho do serviço sem egoísmo conduzem a meta suprema. Mas dos dois, o caminho do serviço sem egoísmo é superior ao caminho do auto-conhecimento, porque ele é mais fácil de praticar para a maioria das pessoas (5.02).

Uma pessoa será considerada um verdadeiro renunciante se não possui nem apego ou aversão por qualquer coisa. Libera-se facilmente das amarras do karma sendo-se livre do apego e da aversão (5.03).

O ignorante – não o sábio – considera o caminho do auto-conhecimento, e o caminho do serviço sem egoísmo, (karmayoga) como sendo diferentes um do outro. A pessoa, de alguém verdadeiramente controlado, recebe o benefício de ambos (5.04).

Qualquer que seja a meta que um renunciante alcance, um karmayogi também alcança. Portanto, quem vê o caminho da renúncia, e o caminho do trabalho altruísta como uma mesma coisa, vê realmente (5.05)

Mas a verdadeira renúncia (a renúncia da possessão e do fazer com vistas aos resultados), Ó Arjuna, é difícil de alcançar sem o Karmayoga. Um sábio equipado com o karmayoga, rapidamente alcança o Nirvana (5.06).

Um Karmayogi, cuja mente é pura, cuja mente e os sentidos estão sob controle, que vê com igualdade o Espírito em todos os seres, não é atado pelo Karma, apesar das ocupações no trabalho (5.07).

Um sábio que conhece a verdade pensa: “eu não sou fazedor de nada”. E vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, caminhado, dormindo, respirando, falando, concedendo, pegando, bem como abrindo e fechando os olhos, o sábio acredita que os sentidos são operados pelos seus objetos (5.08-09).

Aquele que faz todo o trabalho como uma oferenda para Deus –
Fraternidade Guardiões do Amor Supremo

abandonando o apego egoísta aos resultados – fica intocado pelas reações kármicas, ou pecados, exatamente como uma flor de lótus jamais é molhada pela água (5.10)

Os Karmiyogis realizam suas ações – sem apego egoísta – com seus corpos, mentes, intelectos, e sentidos, somente para a purificação das suas mentes e intelectos (5.11).

Um Karmayogi alcança a Bênção Suprema por abandonar o apego aos frutos do trabalho, enquanto os outros, que estão apegados aos frutos do trabalho, tornam-se amarrados pelo trabalho egoísta (5.12).

Uma pessoa que renunciou por completo os frutos de todo o trabalho reside alegremente na cidade de nove portões; nem dirigindo ou controlando ações (5.13).

O Senhor não gera o motivo para ação, nem o sentimento de executor, nem mesmo o apego aos resultados da ação na pessoa. Os poderes da natureza material é que fazem isto (5.14).

O Senhor não se responsabiliza pelas boas e más ações feitas por qualquer um. O véu da ignorância cobre o auto-conhecimento; através disto, as pessoas tornam-se iludidas e realizam más ações (5.15).

O conhecimento transcendental destrói a ignorância do ser e revela o Ser Supremo, exatamente como o sol revela a beleza dos objetos no mundo (5.16).

Pessoas cujas mentes e inteligência estão totalmente mergulhadas no Ser Supremo, que são firmemente devotadas ao Supremo, que possuem Deus como sua meta suprema e único refúgio, e cujas impurezas estão destruídas pelo conhecimento do Ser, não tornam a nascer novamente (5.17).

Uma pessoa iluminada – por observar Deus em tudo – vê a um sábio, um sem casta, mesmo uma vaca, um elefante, ou um cão, com uma visão igual (5.18).

Tudo é perfeito nesta vida para aquele cuja mente está colocada na igualdade. Tal pessoa tem realizado o Ser Supremo, porque o Ser Supremo é completo e imparcial (5.19).

Aquele que nunca se regozija na obtenção do que é prazeroso, e nem sofre na
Fraternidade Guardiões do Amor Supremo

obtenção do desagradável, que possui uma mente firme, que não se deixa enganar, e que é conhecedor do Ser Supremo, tal pessoa permanece eternamente com o Ser Supremo (5.20).

Do mesmo modo, uma pessoa que está em união com o Ser Supremo torna-se desapegada dos prazeres sexuais externos, pela descoberta da alegria do ser, por intermédio da contemplação e da bem-aventurança transcendentais (5.21).

Os prazeres sexuais são, de fato, a origem da miséria, e têm um começo e um fim. Portanto, o Sábio, Ó Arjuna, não se regozija com os prazeres sexuais (5.22).

Aquele que é capaz de resistir os impulsos da luxúria e da ira, antes de morrer, é um yogi, e uma pessoa feliz (5.23).

Aquele que procura felicidade no Ser Supremo, que se regozija no interior do Ser Supremo, e que está iluminado pelo auto-conhecimento, tal a um elevado yogi, alcança o Nirvana, e chega ao Ser Supremo (5.24).

Os videntes, cujos pecados (ou imperfeições) são destruídos; cujas dúvidas sobre a existência do Ser universal são dissipadas pelo auto-conhecimento; cujas mentes estão disciplinadas e que estão ocupados no bem-estar de todos os seres, alcançam o Ser Supremo (5.25).

Aqueles que estão livres da luxúria e da ira, que possuem a mente e os sentidos sob controle, e que realizaram a existência no Ser, facilmente alcançam o Nirvana (5.26).

Um sábio é, na verdade, liberado pelo renunciar de todos os prazeres dos sentidos, tendo fixos seus olhos, e a mente, num ponto preto entre as sobrancelhas, igualando o movimento da respiração pelas narinas, pelo uso de técnicas yógicas; mantendo os sentidos, a mente e a inteligência sob controle; tendo a salvação como a meta principal, e tornando-se livre da luxúria, ira e medo (5.27-28).

Meu devoto alcança a paz eterna pelo conhecimento do Ser Supremo como sendo o desfrutador dos sacrifícios e das austeridades; como o mais importante Senhor do universo inteiro, e o amigo de todas os seres (5.29).

Capítulo VI

CAMINHO DA MEDITAÇÃO

UM KARMAYOGI É UM RENUNCIANTE

O Senhor Krishna disse: aquele que realiza as obrigações prescritas, sem procurar os seus frutos para o gozo pessoal, é tanto um renunciante como um Karmayogi. Não nos tornamos renunciantes pela luz artificial do fogo (de sacrifícios), bem como não nos tornamos um yogi simplesmente abstendonos do trabalho (6.01).

Ó Arjuna, renúncia (Sannyasa) é o mesmo que Karmayoga. Porque, não se torna um Karmayogi quem não renunciou ao motivo egoísta por detrás de uma ação (6.02).

Para o sábio que procura alcançar o yoga da meditação, ou equilíbrio da mente, diz-se que Karmayoga é o meio. Para aquele que realizou o yoga, o equilíbrio torna-se um meio da auto-realização. Diz-se que uma pessoa alcançou a perfeição yóguica quando ela não deseja prazeres sexuais ou apegos pelos frutos do trabalho, e renunciou a todos os motivos pessoais egoístas (6.03-04).

Alguém deve elevar-se – não degradar-se – através de sua própria mente. A mente é amiga ou inimiga de alguém. A mente é amiga para aqueles que possuem controle por sobre ela, e a mente atua como um inimigo para aqueles não a controlam (6.05-06).

Aquele que possui o controle sobre o ser inferior – a mente e os sentidos – fica calmo no frio e no calor; no prazer e na dor; na honra e na desonra; e permanece sempre constante, com o Ser Supremo (6.07).

Chama-se de yogi a pessoa que tanto possui auto-conhecimento como auto-realização; que é tranqüila; que possui controle sobre a mente e os sentidos, e para quem um montinho de terra, uma pedra e o ouro são a mesma coisa (6.08).

Considera-se uma pessoa superior quem é imparcial em relação aos companheiros, amigos, inimigos, pessoa neutra, árbitros, inimigos, parentes, santos e pecadores (6.09).

Um yogi, fixa-se num lugar ermo e solitário, e deve constantemente fraternidade Guardiões do Amor Supremo]

contemplar uma imagem mental, ou a magnificência do Ser Supremo, após trazer a mente e os sentidos sob controle, e tornando-se livre dos desejos e propriedades (6.10).

Deve-se sentar firmemente por sobre um assento, que não seja nem muito alto e nem muito baixo; coberto com grama, e com uma pele de cervo, e um tecido, um sobre o outro, num local limpo. Deve-se sentar nele numa posição confortável, e concentrar a mente em Deus; controlando os pensamentos e as atividades dos sentidos; deve-se praticar a meditação para purificar a mente e os sentidos (6.11-12).

Deve-se manter a cintura, a coluna, o peito, o pesco e a cabeça eretos, firmes e sem movimento; fixar os olhos e a mente firmemente na ponta do nariz, sem olhar ao redor; tornando a mente serena e sem medo; praticando o celibato; tendo a mente sob controle, pensando em Mim, e tendo a Mim como a meta Suprema (6.13-14).

Desta forma, pela prática de sempre manter a mente fixa em Mim, o yogi, cuja mente está subjugada, alcança a paz do Nirvana, e vem a Mim (6.15).

Este yoga não é possível, Ó Arjuna, para aquele que come muito, ou que não come de nenhuma maneira; que dorme muito, ou, também, muito pouco (6.16).

O yoga da meditação destrói toda a aflição, naqueles que são moderados no comer, na recreação, no trabalhando, tanto dormindo como acordados (6.17).

Diz-se que uma pessoa alcançou o yoga, a união com o Ser, quando a sua mente, perfeitamente disciplinada, torna-se livre de todos os desejos e obtém completamente a união como Ser no transe (6.18).

Uma lâmpada num lugar protegido pelo Ser, do vento dos desejos, não tremula. Semelhante a isto é usado para subjugar a mente num yogi praticante da meditação no Ser (6.19).

Quando a mente é disciplinada pela prática de meditação, torna-se firme e quieta; alguém torna-se contente com o Ser por contemplá-lo com o intelecto purificado (6.20).

Somente pela percepção inteligente, além do alcance dos sentidos, sentimos infinita bem-aventurança. Após percebermos a Realidade Absoluta, jamais se

é separado dela (6.21).

Após a auto-realização não se estima qualquer outro ganho superior a ela. Uma vez estabelecidos na auto-realização, não se é comovido nem mesmo por grandes calamidades (6.22).

O estado de desligamento de união com o sofrimento é chamado de yoga. O yoga deve ser praticado com firme determinação, e sem qualquer reserva mental (6.23).

Obtém-se gradualmente a tranqüilidade da mente pelo total abandono dos desejos egoístas; na restrição completa dos sentidos pela inteligência, e no manter a mente plenamente absorvida no Ser, por meio de um treinamento saudável, e de um intelecto purificado, não pensando em nada mais (6.24-25).

Sempre que esta inquieta e instável mente desviar-se durante a meditação, deve-se, neste momento, mantê-la sob o olhar vigilante (ou controle e supervisão) do Ser (6.26).

A suprema bem-aventurança chega para um yogi auto-realizado cuja mente é calma, cujos desejos estão sob controle, e que está livre de faltas ou pecado (6.27).

Tal impoluto yogi, que possui a sua mente e o intelecto engajados no Ser, regozija-se na eterna bem-aventurança de estar em contato com o Ser (6.28).

Um yogi, que está em união com o Ser Supremo, vê a cada ser com uma visão de igualdade, por causa da percepção da permanente onipresença do Ser Supremo (ou o Ser) em todos os seres, e todos permanecendo no Ser Supremo (6.29)

Aquele que Me vê em Tudo, e vê tudo em Mim, não se desliga de Mim, e Eu não me desligo dele (6.30).

O não-dualista, que Me adora como permanente em todos os seres, permanece em Mim, independentemente do modo de dele viver (6.31).

O melhor dos yogis é aquele que observa cada ser como a si mesmo e que pode sentir a dor e o prazer dos outros como sendo seus, Ó Arjuna (6.32).

Arjuna disse: Ó Krishna, Você disse que o yoga da meditação caracteriza-se pela tranqüilidade da mente, mas devido a inquietação da mente eu não vejo

como estabilizá-la. Porque a mente, realmente, é muito instável, turbulenta, poderosa e obstinada, Ó Krishna, eu penso que controlar a mente é mais difícil do que controlar o vento (6.33-34).

O Senhor Krishna disse: sem dúvida, Ó Arjuna, a mente é impaciente e difícil de controlar, mas ela é subjugada pela constante e vigorosa prática espiritual de alguém – como a meditação – com perseverança e por desapego, Ó Arjuna (6.35).

O Yoga é difícil para aquele cuja mente não é controlada. De qualquer modo, o yoga é atingido pela pessoa com a mente controlada, que se esforça por seus próprios meios (6.36).

Arjuna disse: qual é o destino do fiel que se desvia do caminho da meditação e da fé, necessário para alcançar a perfeição yóguica, devido a uma mente desenfreada, Ó Krishna? (6.37)

Eles não perecem como uma nuvem que se dissipa, Ó Krishna, perdendo-se tanto nos prazeres mundanos como do paraíso, privando-se do apoio, e afastando-se do caminho da auto-realização? (6.38).

Ó Krishna, somente Você está apto para dissipar por completo esta minha dúvida, porque não há outro como Você que possa dissipar semelhante dúvida (6.39).

O Senhor Krishna disse: a prática espiritual realizada por um yogi nunca é desperdiçada, nem aqui ou no futuro. Um transcendentalista nunca é colocado para sofrer, Meu querido amigo (6.40).

O yogi sem sucesso nasce na casa de uma pessoa piedosa e próspera, após ter vivido por muitos anos nos planetas celestes. O yogi que muito fracassou muito não vai aos planetas celestiais, mas nasce numa família espiritualmente avançada. Um nascimento como este, realmente, é muito difícil de ser obtido neste mundo (6.41-42).

O yogi mal sucedido recupera o conhecimento adquirido numa vida anterior e novamente se esforça em adquirir a perfeição, Ó Arjuna (6.43).

O yogi fracassado é naturalmente levado em direção a Deus, pela virtude das impressões das práticas yóguicas das vidas anteriores. Mesmo o perguntar sobre yoga – união com Deus – sobrepuja aos que realizam rituais védicos

(6.44).

O yogi, que diligentemente se esforça, torna-se completamente livre de todas as imperfeições, após tornar-se gradualmente perfeito, através de muitas reencarnações, alcançando a Morada Suprema (6.45).

O yogi é superior ao asceta. O yogi é superior ao acadêmico védico. O yogi é superior aos ritualistas. Portanto, ó Arjuna, seja um yogi. (6.46).

E Eu considero o yogi-devoto – que de todo o coração Me contempla com fé suprema, e cuja a mente está sempre absorta em Mim – como sendo o melhor de todos os yogis (6.47)

Capítulo VII

O AUTO-CONHECIMENTO E A ILUMINAÇÃO

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, ouça como você deverá conhecer-Me por completo, sem qualquer dúvida, com a sua mente totalmente absorvida em Mim, refugiando-se em Mim, e realizando práticas yóguicas. (7.01)

Eu transmitirei para você tanto o conhecimento transcendental como a experiência transcendental, ou uma visão; após conhecer isto, nada mais restará para ser conhecido neste mundo. (7.02)

A mente, intelecto, ego, éter, ar, fogo, água e terra, são as oito dobras de divisão de Minha energia material (7.03-04).

A natureza material, ou a matéria, é Minha natureza inferior. Minha outra elevada natureza é o espírito, pelo qual este universo inteiro é sustentado, Ó Arjuna (7.05).

Saiba que todas as criaturas desenvolvem-se a partir desta dupla energia, e que Espírito Supremo é a origem, bem como a dissolução, do universo inteiro (7.06).

Não há nada superior ao Ser Supremo, Ó Arjuna. Todo o universo está atado ao Ser Supremo, como diferentes jóias estão amarradas no cordão de um colar (7.07).

Ó Arjuna, Eu sou o sabor da água; Eu sou a irradiação do Sol e da Lua, a sagrada sílaba “AUM” em todos os Vedas, o som no éter, e a potência nos seres humanos. Eu sou a doce fragrância da Terra. Eu sou o calor do fogo, a vida nos seres vivos, e a austeridade dos ascetas (7.08-09).

Ó Arjuna, saiba que Eu sou a semente eterna em todas as criaturas. Eu sou a inteligência do inteligente e o brilho do que é brilhante. Eu sou a força do forte, que é desprovido do apego egoísta. Eu sou o desejo, ou o Cupido, nos seres humanos que estão desprovidos da gratificação dos sentidos, e são de acordo com o Dharma (para o sagrado propósito da procriação após o casamento, Ó Arjuna (7.10-11);

Saiba que os três modos da Natureza Material - bondade, paixão e ignorância – também emanam indiretamente de Mim. Eu não dependo deles, nem sou afetado pelos modos da natureza matéria; mas os modos da Natureza

material dependem de Mim (7.12).

Os seres humanos adquirem ilusão pelos vários aspectos destes três modos na Natureza Material; então, eles não conhecem que Sou eterno e que estou acima destes modos (7.13).

COMO SUPERAR O DIVINO PODER ILUSÓRIO (MAYA)

Este Meu poder divino é chamado de Maya, que consiste nos três modos da matéria ou mente, é muito difícil de ser superado. Apenas aqueles que se rendem a Mim perfuram o véu de Maya, e conhecem a Realidade Absoluta (7.14).

O pecador, o ignorante, o canalha, que estão apegados à natureza demoníaca, e cujo poder de discriminação está retirado pelo poder da ilusão divina (Maya), não Me adoram ou Me procuram (7.15).

Quarto tipo de pessoas virtuosos adoram-Me ou Me procuram, Ó Arjuna; são eles: o aflito; o que busca por auto-conhecimento; o que procura riqueza, e o iluminado que experimentou o Ser Supremo (7.16).

Entre os devotos iluminados, o que está sempre unido a Mim, e cuja devoção é sincera, é o melhor, porque Eu sou muito querido para ele e ele é muito querido por Mim (7.17).

Todos aqueles que buscam a Mim são realmente nobres, mas Eu estimo o devoto esclarecido como Meu verdadeiro Ser; porque aquele que é leal torna-se uno Comigo, e permanece em Minha Suprema morada (7.18).

Após muitos nascimentos o devoto esclarecido recorre a Mim, entendendo que todas as coisas são, na realidade, Minha manifestação. Semelhante alma é muito rara (7.19).

As pessoas cujo discernimento há se tornado fascinado pelos desejos, estimulados por suas impressões kármicas, fazem uso dos controladores celestes, e praticam vários ritos religiosos para a realização de seus desejos materiais (7.20).

Quem quer que seja, desejando adorar alguma deidade – usando qualquer nome, forma e método – com fé, Eu torno a fé deles firme nesta verdadeira deidade. Favorecidos com fé firme, eles adoram aquela deidade, e obtêm seus desejos através dela. Todos os seus desejos, são, realmente, concedidos

por Mim (7.21-22).

Semelhantes ganhos materiais nestes seres humanos pouco inteligentes são temporários. Os adoradores dos controladores celestes vão até eles, mas os Meus devotos, com certeza, vêm até a Mim (7.23).

O ignorante – incapaz de entender Minha forma imutável, incomparável, incompreensível e transcendental – supõe que Eu, o Ser Supremo, sou sem forma e pego uma forma ou encarnação. Oculto pelo Meu poder divino (Maya), Eu não Me revelo para semelhante ignorante que não conhece e não entende Minha forma e personalidade não nascida, eterna e transcendental (7.24-25).

Eu conheço, Ó Arjuna, os seres do passado, do presente, e aqueles do futuro, mas ninguém Me conhece (7.26).

Todos os seres neste mundo estão na absoluta ignorância, devido à ilusão dos pares de opostos, dos gostos e desgostos, Ó Arjuna. Mas as pessoas purificadas pelas ações não egoístas, cujo karma há terminado, torna-se livre da ilusão do par de opostos, e adora-Me com firme resolução (7.27-28)

Aqueles que aspiram pela libertação do ciclo de nascimentos, velhice e morte – por pegar refúgio em Deus – compreende plenamente a verdadeira natureza e os poderes do Supremo (7.29).

A pessoa decidida, que Me conhece como a única base de tudo – os seres mortais, Seres Divinos, e o Ser Eterno – mesmo na hora da morte, Me alcançam (7.30).

Capítulo VIII

O ESPIRITO ETERNO

Arjuna disse: Ó Krishma, quem é o Ser Eterno ou o Espírito? Qual a natureza do Ser Eterno? O que é karma? O que são os seres imortais? E quem são os Seres Divinos? Quem é o Ser Supremo, e de que modo Ele reside no corpo? Como pode Você, o Ser Supremo, ser lembrado na ocasião da morte, por aqueles que possuem o controle sobre suas mentes, Ó Krishna? (8.01-02).

O Senhor Krishna disse: o eterno e imutável Espírito do Ser Supremo é chamado de Ser Supremo ou o Espírito. O poder inerente da cognição, e desejo do Ser Eterno, é chamado de natureza ou Ser Eterno. O poder criativo do Ser Eterno que causa a manifestação das entidades vivas é chamado de karma (8.03).

Diferentes expansões do Ser Supremo são também chamadas de Seres Divinos. O Ser Supremo também mora dentro dos corpos físicos como o Controlador Divino (Ishvara) (8.04).

Aquele que relembra-se exclusivamente do Ser Supremo, mesmo no momento de deixar o corpo, na hora da morte, alcança a Morada Suprema; não há dúvida sobre isto (8.05).

Qualquer que seja a coisa que alguém lembrar-se quando deixa o corpo no final da vida, ele a alcança. O pensar em qualquer que seja a coisa permanece durante uma vida inteira em alguém; a lembrança em apenas uma coisa no final da vida será alcançada (8.06).

Portanto, sempre lembre-se de Mim, e faça a suas obrigações. Com certeza, você irá alcançar-Me, se a sua mente, e o seu intelecto, estiverem sempre focados em Mim (8.07).

Através da contemplação em Mim, com uma mente resoluto, a qual é disciplinada pela prática de meditação, alcança-se o Ser Supremo, Ó Arjuna (8.08).

Aquele que meditar no momento da morte, com a mente firme, e com devoção, no Ser Supremo, como o onisciente, o mais antigo, o controlador, o menor do mais pequeno, o maior dos maiores, o sustentador de tudo, o

inconcebível, auto-luminoso com o sol, e transcendental (ou o que está além da realidade material) por trabalhar a corrente de bioimpulsos (força vital; Prana) elevando-a na região entre as duas sobranceiras, através do domínio das práticas de yoga, e segurá-lo ali, alcança-Me, o Ser Supremo(8.09-10).

Agora eu explanarei brevemente o processo de alcançar a Morada Suprema, que os conhecedores dos Vedas chamam de Imutável; dentro da qual os ascetas, livres do apego, penetram; e a qual e as pessoas que praticam o celibato desejam. (8.11).

Quando se deixa o corpo físico através do controle de todos os sentidos, focando a mente em Deus, e os bioimpulsos (força vital; Prana), no cérebro, empregando uma prática yóguica, meditando em Mim, e emitindo o mantra AUM – o sagrado som monossilábico do poder do Espírito – alcança-se a Morada Suprema (8.12-13).

Eu sou facilmente alcançado, Ó Arjuna, por aquele que é sempre leal, devotado, e que sempre pensa em Mim, e cuja mente não vai para outro lugar (8.14).

Após alcançar-Me, as grandes almas não mais voltam a nascer neste transitório mundo miserável, porque elas alcançaram a mais elevada perfeição (8.15).

Os habitantes de todos os mundos – inclusive o mundo do criador (Senhor Brahma) – esta sujeito às misérias de repetidos nascimentos e mortes. Mas após alcançar-Me, Ó Arjuna, não mais se volta a nascer (veja, também, 9.25) (8.16).

Aquele que conhecer que a duração da criação é de 4.32 bilhões de anos, e que a duração da destruição é, também, de 4.32 bilhões de anos, eles saberão dos ciclos de criação e destruição (8.17).

Todas as manifestações saem da Natureza material primária durante o ciclo criativo; e elas mergulham dentro da Natureza material primária durante o ciclo destrutivo (8.18).

A mesma multidão de seres envolve-se dentro da existência repetidamente com a chegada do ciclo criativo, e são aniquiladas, inevitavelmente, com a chegada do ciclo destrutivo (8.19).

Há outra existência transcendental eterna – superior a natureza material inconstante – chamada de “Ser Eterno” ou Espírito, que fez tanto o imperecível como os seres perecíveis. Esta existência é, também, chamada de Morada Suprema. Aqueles que alcançam a Morada Suprema não voltam a nascer novamente (8.20-21).

Esta Morada Suprema, Ó Arjuna, é alcançada por inabalável devoção a Mim; dentro da qual todos os seres existem, e pela qual o universo inteiro é penetrado(8.22).

Ó Arjuna, agora Eu irei descrever os diferentes caminhos de partida pelos quais, durante a morte, os yogis tornam ou não tornam a voltar (8.23).

Fogo, luz, as horas do dia, o brilho da lua cheia, e os seis meses do solstício de verão no norte – partindo pelo caminho destes controladores celestes, os yogis que conhecem o Ser alcançam o Supremo (8.24).

A neblina, a noite, a lua nova, e os seis meses de solstício do sol no sul – partindo nestes caminhos, a reta pessoa chega ao paraíso (lunar), e volta a nascer na Terra (8.25).

O Caminho da luz da prática espiritual, o auto-conhecimento, e o caminho da escuridão do materialismo e ignorância, são dois caminhos de pensamentos eternos neste mundo. O primeiro conduz à salvação, e o segundo ao renascimento dos seres humanos (8.26).

Conhecendo estes dois caminhos, Ó Arjuna, um yogi não se confunde de nenhuma maneira. Portanto, deve-se ser resoluto no alcançar a salvação – o objetivo do nascimento humano – todo o tempo. (8.27).

Aquele que conhece tudo isto que está além, recebendo os benefícios do estudo dos Vedas, realização de sacrifícios, austeridades e caridade, alcança a salvação (8.28).

Capítulo IX

O SUPREMO CONHECIMENTO E O GRANDE MISTÉRIO

O Senhor Krishna disse: visto que você possui fé em Minhas palavras, Eu revelarei para você o mais profundo, secreto, e transcendental conhecimento, junto com a experiência transcendental. Conhecendo isto, você será livre das misérias mundanas da existência (9.01).

Este auto-conhecimento é o rei de todos os conhecimentos, é o mais secreto; o mais sagrado; ele pode ser percebido pelo instinto, conforme o reto-agir (Dharma); ele é eterno e muito fácil de ser praticado (9.02).

Ó Arjuna, aqueles que não possuem fé neste conhecimento não podem Me alcançar, e seguem os ciclos de nascimentos e mortes (9.03).

Este universo inteiro é uma expansão Minha. Todos os seres dependem de Mim (assim como uma corrente de ouro depende do ouro e os produtos do leite dependem do leite). Eu não dependo deles – ou sou afetado por eles; porque Eu sou o mais elevado de todos (9.04).

Veja o poder do Meu mistério divino; na realidade, Eu – o sustentador e criador de todos os seres – não dependo deles, e eles também não dependem de Mim. (de fato, a corrente de ouro não depende do ouro; a corrente de ouro não é nada mais do que ouro. Também, matéria e energia são diferentes, bem como não são diferentes) (9.05).

Entenda que todos os seres ficam em Mim – sem qualquer contato ou sem produzir qualquer efeito – como um poderoso vento, movendo-se por toda a parte, ficando eternamente no espaço (9.06).

Todos os seres se fundem dentro da Minha natureza material primária no final de um ciclo de cerca de 311 trilhões de anos solares, Ó Arjuna; e Eu crio eles novamente, no início do próximo ciclo (9.07).

Eu crio a inteira multiplicidade dos seres, repetidamente, com o auxílio de Minha Natureza material. Estes seres estão sob o controle dos modos da Natureza material (9.08).

Estes atos de criação não Me atam, Ó Arjuna, porque Eu permaneço indiferente e desapegado a todos estes atos (9.09).

A divina energia cinética (Maya) – com a ajuda da natureza material – gera todos os objetos animados ou inanimados sob Minha supervisão; desta forma, a criação mantém-se em movimento, Ó Arjuna (9.10).

As pessoas ignorantes desprezam-Me quando Eu apareço na forma humana, porque eles não conhecem a Minha natureza transcendental, como sendo o grande Senhor de todos os seres (tomam-Me por um ser humano comum), e porque eles têm falsas expectativas, falsas ações, falso conhecimento, e estão iludidos pelas qualidades tāmāsicas dos maldosos e demônios; eles são incapazes de Me reconhecer (9.11-12).

Mas grandes almas, Ó Arjuna, que possuem as qualidades divinas (ver 16.01-03), conhecem-Me como o imutável – como sendo a causa material e eficiente da criação – e, simplesmente, Me adoram com amor e devoção (9.13).

As pessoas de resolução firme Me adoram com eterna lealdade e devoção, através de cantarem sempre Minhas glórias, e aspirarem alcançar-Me, e prostrando-se diante de Mim com devoção (9.14).

Alguns adoram-Me pelo propagar e o adquirir do auto-conhecimento. Outros adoram o infinito como o uno em tudo (ou não-dual), ou como o mestre de tudo (ou dual), e de várias outras maneiras (9.15).

Eu sou o ritual; Eu sou o sacrifício; Eu sou a oferenda; Eu sou a erva; Eu sou o mantra; Eu sou a manteiga clarificada; eu sou o fogo; e Eu sou a oblação (ver 4.24). Eu sou aquele que sustenta o universo; o pai; a mãe e o avô. Eu sou o objeto do conhecimento; a sílaba sagrada “AUM”, e os Vedas. Eu sou a meta; o sustentador; o Senhor; a testemunha; a morada; o refúgio; o amigo; a origem; a dissolução; a fundação; o substrato, e a semente imutável (9.16-18).

Eu forneço o calor; Eu envio, assim como contendo, a chuva. Eu sou a imortalidade, bem como a morte. Eu sou, também, tanto a eternidade quanto o temporário, Ó Arjuna (9.19).

O executor dos rituais prescritos nos Vedas; os bebedores do néctar da devoção, e os limpos de pecados, adoram-Me fazendo boas ações para conquistar o paraíso. Como um resultado de suas meritosas ações, eles vêm para o céu e regozijam-se com a satisfação dos sentidos celestiais (9.20).

Eles retornam ao mundo mortal – após terem desfrutado amplamente dos prazeres dos mundos celestiais por exaustão dos frutos de seus bons karmas. Deste modo, seguindo as injunções dos Vedas, as pessoas adoradoras dos frutos de suas ações adquirem repetidos nascimentos e mortes (9.21).

Eu, pessoalmente, tomo conta tanto do bem-estar material como do espiritual dos devotos sempre leais, que sempre se lembram e Me adoram com contemplação sincera (9.22).

Ó Arjuna, mesmo aqueles devotos que adoram deidades com fé, eles, também, Me adoram, mas num jeito impróprio (9.23).

Porque Eu – o Ser Supremo – sou o único desfrutador de todos os serviços de sacrifício, e o Senhor do universo. Mas as pessoas não conhecem a Minha verdadeira natureza transcendental. Portanto, eles caem dentro do ciclo repetitivo de nascimentos e mortes (9.24).

Os adoradores dos controladores celeste vão até os controladores celestes; os adoradores dos ancestrais, vão até os ancestrais, e os adoradores de fantasmas vão até os fantasmas; mas Meus devotos vêm até a Mim, e não voltam a nascer novamente (9.25).

Ofereça-Me uma folha, uma flor, um fruto ou água com devoção, Eu aceitarei e provarei a oferenda da devoção pelo coração puro (9.26).

Ó Arjuna, qualquer coisa que faça; qualquer que seja o que você coma; qualquer que seja a caridade que você ofereça como sacrifício; qualquer que seja a austeridade que você realizar, dedica tudo como uma oferenda para Mim (9.27).

Você se tornará livre do cativo – do bem e do mal – do Karma e virá até a Mim, pela atitude de completa dedicação a Mim (9.28).

O Ser está presente igualmente em todos os seres. Não há alguém que seja detestável ou caro para Mim. Mas aqueles que adoram-Me com amor e devoção são muito queridos para Mim, e Eu também estou muito junto deles (9.29).

Se mesmo a mais pecaminosa das pessoas decidir adorar-Me com sincero amor devocional, do mesmo modo como faz uma pessoa santa, ela será considerada como um santo, porque age de forma correta (9.30).

Semelhante pessoa em pouco tempo se torna justa, e alcança a paz eterna. Saiba, Ó Arjuna, que Meu devoto jamais falha para alcançar a meta (9.31).

Qualquer um pode alcançar a Morada Suprema, simplesmente por render-se a Mim com vontade e amor devocional, Ó Arjuna (9.32).

É muito fácil para os sábios e os devotos inteligentes alcançarem o Ser Supremo. Portanto, tendo obtido esta aflita e transitória vida humana, deve-se sempre adorar-Me com amor devocional (9.33).

Pense sempre em Mim; seja devotado a Mim; adore-Me, e faça reverências para Mim. Assim, unindo o seu ser Comigo, colocando-Me como meta suprema e único refúgio, você certamente chegará até a Mim (9.34).

Capítulo X

A MANIFESTAÇÃO DO ABSOLUTO

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, escute mais uma vez estas palavras supremas que Eu irei falar para você, que é muito querido para Mim, para o seu bem (10.01).

Nem os controladores celestes, nem os grandes sábios, conhecem a Minha origem, porque Eu sou a origem dos controladores celestes, bem como dos grandes sábios também (10.02).

Aquele que Me conhece como não-nascido, o princípio original, e o Supremo Senhor do universo, é considerado sábio entre os mortais, e se torna liberado do cativo do karma (10.03).

Diferenciação, auto-conhecimento, não ilusão, perdão, honestidade, controle sobre a mente e os sentidos, tranquilidade, prazer, dor, nascimento, morte, medo, destemor, não-violência, equanimidade, contentamento, austeridade, caridade, fama, má fama – todas estas diversas qualidades humanas surgem unicamente de alguma coisa Minha (10.04-05).

Os grandes santos, sábios e todas as criaturas do mundo, nascem da Minha energia potencial (10.06).

Aquele que, verdadeiramente, entende Meus poderes yóguicos e manifestações, une-se a Mim, pela devoção inabalável. Sobre isto não há dúvidas (10.07).

Eu sou a origem de tudo. Tudo emana de Mim. O sábio que entende isto, Me adora com amor e devoção (10.08).

Meus devotos permanecem sempre contentes e satisfeitos, e suas mentes ficam totalmente absorvidas em Mim, rendendo suas vidas a Mim. Eles sempre esclarecem os outros por falar sobre Mim (10.09).

Eu concedo o poder de análise e de raciocínio para o entendimento da ciência metafísica – para aqueles que sempre estão unidos a Mim, e Me adoram de todo o coração – e pelos quais eles vêm a Mim (10.10).

Eu – que resido dentro da alma interior deles como consciência – destruo a escuridão nascida da ignorância, pelo brilho da lâmpada do conhecimento

transcendental, como um ato de compaixão para com eles (10.11).

Arjuna disse: Você é o Ser Supremo; a suprema Morada, o Purificador Supremo, o Ser Eterno, o Deus primordial, o não-nascido, e o Onipotente. Todos os santos e sábios têm aclamado Você, e agora Você está me dizendo isto (10.12-13).

Ó Krishna, eu acredito que tudo o que Você disse para mim é verdade. Ó Senhor, nenhum controlador celeste, nem os demônios, podem entender a Sua verdadeira natureza (10.14).

Ó Criador, e Senhor de todos os seres; Deus de toda administração celestial; a pessoa Suprema, e Senhor do universo, somente Você conhece a Você mesmo, pelo Seu próprio Ser (10.15).

Portanto, unicamente Você é capaz de descrever plenamente Suas próprias glórias e manifestações, pelas quais Você existe, penetrando todo o universo (10.16).

Como posso eu conhecer Você, Ó Senhor, por uma contemplação constante? Em qual forma de manifestação Você pode ser pensado por mim, Ó Senhor? (10.17).

Ó Senhor, explique para mim novamente, em detalhes, Seu poder yóguico e Sua glória; porque eu não me sacio de ouvir de Você estas nectárias palavras (10.18).

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, agora Eu explanarei para você Minha manifestação divina proeminente, porque as Minhas manifestações são ilimitadas (10.19).

Ó Arjuna, Eu sou o Espírito supremo (ou superalma), que reside na psique interior de todos como alma (Atma). Eu, também, sou o criador, mantenedor e destruidor – ou o começo, o meio e o fim – de todos os seres (10.20).

Eu sou o sustentador. Entre as luminárias Eu sou o sol radiante; Eu sou o controlador do vento; entre as estrelas Eu sou a lua (10.21).

Eu sou os Vedas. Eu sou o controlador celeste. Entre os sentidos Eu sou a mente; Eu sou a consciência nas entidades vivas (10.22).

Eu sou o Senhor Shiva. Eu sou o deus da riqueza; Eu sou o deus do fogo e as

montanhas (10.23).

Eu sou o sacerdote, e o general do exército dos controladores celestes, Ó Arjuna. Eu sou o oceano entre os copos da água (10.24).

Eu sou o grande sábio Bhrigu. Eu sou a monossílaba cósmica “AUM” por entre as palavras; Eu sou a repetição silenciosa do mantra (japa) por entre as disciplinas espirituais, e, entre as montanhas, Eu sou o Himalaia (10.25).

Entre as árvores, eu sou a sagrada figueira; entre os sábios Eu sou Narada, e Eu sou o celestial regulador (10.26).

Conheça-Me como o animal celestial entre os animais, e o Rei entre os homens. Eu sou o raio entre as armas, e Eu sou o cupido para a procriação (10.27-28).

Eu sou o deus da água e das serpentes. Eu sou o controlador da morte. Eu sou o tempo ou a mortalidade entre os remédios; o leão entre os animais, e o rei dos pássaros entre os pássaros (10.29-30).

Entre os purificadores Eu sou o vento, e entre os guerreiros Eu sou o Senhor Rama. Eu sou o crocodilo entre os peixes, e o sagrado rio Ganges entre os rios (10.31).

Eu sou o começo, o meio e o fim de toda a criação, Ó Arjuna. Entre o conhecimento, Eu sou o conhecimento do Ser Supremo. Eu sou a lógica dos lógicos (10.32).

Eu sou a letra “A” dos alfabetos. Eu sou o composto dual entre as palavras compostas. Eu sou o tempo sem fim. Eu sou o sustentador, e Eu sou onisciente (10.33).

Eu sou a morte a que tudo devora, e também a origem dos futuros seres. Eu sou as sete deusas ou anjos guardiões que presidem as sete qualidades: fama, prosperidade, fala, memória, intelecto, decisão e perdão (10.34).

Eu sou os védicos e outros hinos. Eu sou os mantras; Eu sou os meses de Novembro e Dezembro entre os meses; e entre as estações Eu sou a primavera (10.35).

Eu sou a aposta dos apostadores; a resplandecência do esplendor; a vitória dos vitoriosos; a decisão das decisões; e o bom da bondade (10.36).

Eu sou Krishna, Vyasa, Arjuna, e o poder dos reguladores; a política dos que buscam a vitória. Entre os segredos Eu sou o silêncio, e do auto-conhecimento Eu sou o conhecível (10.37-38).

Eu sou a origem de todos os seres, Ó Arjuna. Não há nada, animado ou não, que pode existir sem Mim (10.39).

Não há fim na Minha divina manifestação, Ó Arjuna. Isto é apenas uma breve descrição por Mim da extensão das Minhas manifestações divinas (10.40).

Não importa o que seja doado com glória, fulgor e poder – saiba que isto é uma manifestação de uma diminuta fração do Meu esplendor (10.41).

O que é necessário para este conhecimento detalhado, Ó Arjuna? Eu continuamente sustento o universo inteiro, com uma fração muito pequena do meu poder divino (10.42).

Capítulo XI

A VISÃO DA FORMA CÓSMICA

Arjuna disse: minha ilusão foi dissipada pelas profundas palavras de sabedoria e compaixão, que Você claramente falou para mim, sobre o supremo segredo do Ser (11.01).

Ó Krishna, em detalhes, eu ouvi de Você sobre a origem e a dissolução dos seres, e da Sua glória imutável (11.02).

Ó Senhor, Você é tal como Você disse; apesar disto, eu gostaria de ver a sua forma divina, Ó Ser Supremo (11.03).

Ó Senhor, se Você acha que é possível para mim ver a Sua forma universal, então, Ó Senhor dos yogis, mostre-me a Sua forma transcendental (11.04).

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, contemple Minhas centenas de milhares de vários tipos de formas divinas, de diferentes cores e aspectos. Contemple todos os seres celestes, e as várias maravilhas nunca antes vistas. Contemple, também, a criação inteira – o animado e o inanimado, e além do que você gostaria de ver – tudo tem lugar no Meu corpo (11.05-07).

Mas você não pode Me ver com seus olhos físicos; portanto, Eu darei a você o olho divino para que veja o Meu majestoso poder e glória (11.08).

Saṅjaya said: Ó Rei, tendo disso isso, o Senhor Krishna, o grande Senhor do místico poder do Yoga, revelou a Sua forma majestosa e suprema para Arjuna (11.09).

Arjuna viu a Forma Universal do Senhor com muitas mãos e olhos, infinitas e maravilhosas imagens; com inúmeros ornamentos; segurando muitas armas divinas; vestindo guirlandas e roupas divinas, untadas com perfumes e óleos celestes; pleno de todas as maravilhas; Deus de ilimitadas faces por todos os lados (11.10-11).

Se o esplendor de milhares de sóis surgisse como chamas, todos de uma só vez no céu, não se pareceriam com a magnificência deste Ser elevado (11.12).

Arjuna viu o universo inteiro, dividido de muitos modos, mas estando todos eles em Um só, e todo o Uno no corpo transcendental de Krishna, o Senhor dos controladores celestes (11.13).

Tendo visto a forma cósmica do Senhor, Arjuna ficou cheio de espanto; e seus cabelos se arrepiaram; abaixou a cabeça para o Senhor, e pediu-lhe com as mãos postas (11.14).

Arjuna disse: Ó Senhor, Eu vejo no Seu corpo todos os controladores sobrenaturais, e uma multidão de seres celestes e sábios (11.15).

Ó Senhor do universo, eu vejo Você em todos os lugares com infinitas formas, com muitas armas, ventres, faces e olhos. Ó universal forma, eu não vejo nenhum começo, meio ou fim Seu (11.16).

Eu vejo Você com suas cabeças, claves, disco, e brilho radiante difícil de ser contemplado; tudo ao Seu redor cintila com um imensurável brilho e como flamejantes chamas do sol (11.17).

Eu acredito que Você é o Ser Supremo para ser realizado. Você é o último refúgio do universo. Você é o Espírito e protetor da ordem eterna (Dharma) (11.18).

Eu vejo Você com poder infinito, sem começo, meio ou fim; com muitas armas; com o sol e a lua em seus olhos; com Suas bocas, como que com línguas de fogo queimando todo o universo, com a Sua irradiação (11.19).

Ó Senhor, Você penetra o espaço inteiro entre o Céu e a Terra em todas as direções. Vendo Sua maravilhosa e terrível forma, os três mundos tremem de medo (11.20).

O anfitrião dos controladores sobrenaturais entra dentro de Você. Alguns com as mãos postas cantam Seus nomes e glórias com medo. Uma multidão de seres perfeitos saúdam e adoram Você com louvores em abundância (11.21).

Todos os seres celestes contemplam a Você com assombro. Vendo Suas infinitas formas com muitas bocas, olhos, armas, cochas, pés, ventres, e dentes pontiagudos, os mundos tremem de medo, e assim faço eu, Ó magnífico Senhor (11.22-23).

Eu estou amedrontado, e não encontro nem a paz nem a coragem, Ó Krishna, após ver a Sua refulgente forma multicolorida tocando o Céu, e Suas bocas escancaradas, com um grande brilho nos olhos (11.24).

Eu perco meus sentidos de direção, e não me sinto confortável após ver Sua

bocas, com terríveis dentes brilhantes, como o fogo cósmico da dissolução. Tenha piedade de Mim, Ó Senhor dos governadores celestes, e protetor do universo! (11.25).

Todos os meus primos irmãos, junto com os anfitriões dos outros reis e guerreiros do outro lado, junto com os chefes guerreiros do outro exército, estão sendo rapidamente entrando para dentro de Suas bocas terríveis, com terríveis dentes. Alguns estão presos entre os dentes caninos, com suas cabeças esmagadas (11.26-27).

Estes guerreiros do mundo mortal estão entrando nas Suas bocas ardentes, assim como a corrente de muitos rios entram no oceano (11.28).

Todas estas pessoas correm, rapidamente, para dentro de Suas bocas para a destruição; como as mariposas se precipitam para dentro de uma chama para a destruição (11.29).

Você está lambendo, de pé, todos estes mundos com Suas línguas de fogo, engolindo-os por todos os lados. Sua poderosa irradiação preenche o universo inteiro com refulgência, e queima tudo, Ó Krishna (11.30).

Diga-me, quem é Você em semelhante forma feroz? Eu saúdo a Você, Ó melhor de todos os controladores celestes. Seja misericordioso! Que eu possa entender Você, Ó Ser primordial, porque eu não conheço a Sua missão (11.31).

O Senhor disse: Eu sou a morte, o poderoso destróier do mundo. Eu vim aqui para destruir a todas estas pessoas. Mesmo sem a sua participação na guerra, todos estes guerreiros, sustentando a ordem no exército inimigo, irão deixar de existir (11.32).

Portanto, levante-se e alcance a glória. Conquiste os seus inimigos, e compraze-se com um reino próspero. Eu já tenho destruído todos estes guerreiros. Você é meramente um instrumento, Ó Arjuna (11.33).

Mate todos estes grande guerreiros, que estão prontos, agora mesmo, para serem mortos por Mim. Não tema. Você, com certeza, irá conquistar os inimigos na batalha; portanto, lute! (11.34).

Sañjaya disse: tendo escutado estas palavras de Krishna, o coroado Arjuna tremeu com as mãos postas, prostrou-se com medo, e falou para Krishna

com a voz sufocada (11.35).

Arjuna disse: com justiça, Ó Krishna, o mundo se deleita e regozija em glorificar Você. Demônios terríveis fogem em todas as direções. O anfitrião dos sábios curva-se em adoração a Você (11.36).

Por que eles não se curvavam para Você, Ó grande alma – o criador original – que é maior do que Brahmaa, o criador dos mundos materiais? Ó infinito Senhor; Ó Deus de todos os controladores celestiais; Ó morada do universo, Você é tanto o Eterno como o Temporário, e o Ser Supremo que está além do Eterno e Temporário (11.37).

Você é o Deus primordial, a pessoa mais antiga. Você é o último refúgio do universo inteiro. Você é o conhecedor, o objeto do conhecimento, e a Morada Suprema. Ó Senhor de forma infinita, Você penetra no universo inteiro (11.38).

Você é o fogo, o vento, a água, a lua, o criador, bem como o pai do criador, e o controlador da morte. Eu saúdo a Você, milhares de vezes, e sempre saudarei a Você (11.39).

Minhas saudações diante e detrás de Você. Ó Senhor, presto minhas reverências para Você por todos os lados. Você é a coragem infinita e a força ilimitada. Você preenche tudo, e, portanto, Você está em tudo e em toda a parte (11.40).

Considerando Você meramente como a um amigo, e não sabendo da Sua grandiosidade, eu tenho inadvertidamente me dirigido a Você como “Ó Krishna”, “Ó Yadava”, e meramente “Ó amigo”, sem o devido afeto ou desalentamento (11.41).

Não importando o jeito que eu talvez tenha insultado a Você nas brincadeiras; quando jogava, repousava na cama, sentado ou nas refeições; quando só ou na frente dos outros, Ó Krishna, Ó Uno imensurável, eu imploro a Você por perdão (11.42).

Você é o pai deste mundo animado e inanimado, o guru maioral para ser adorado. Não há mesmo ninguém igual a Você nestes três mundos; como poderia existir alguém tão grande como Você, Ó Ser de incomparável glória (11.43).

Portanto, Ó adorável Senhor, eu peço por Sua misericórdia ajoelhando-me e prostrando-me diante de Você. Seja paciente comigo como um pai é com seu filho; como um amigo é para com seu amigo, e como o esposo é para com sua esposa, Ó Senhor (11.44).

Contemplando isso, nada mais há para o meu prazer, e, apesar disto, minha mente está atormentada e com medo. Portanto, Ó Deus dos controladores celestes, refúgio do universo, tenha misericórdia de mim, e mostra-me a Sua forma de quatro braços (11.45).

Eu gostaria de Vê-lo com a coroa, segurando a maçã e o disco em Suas mãos. Portanto, Ó Senhor, com milhares de armas e forma universal, por favor, mostre-Se na sua forma de quatro braços (11.46).

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, estando satisfeito com você Eu mostrei para você, através do meu próprio poder yóguico, Minha suprema, particular, brilhante, universal, infinita, e primordial forma, que jamais foi vista diante de qualquer outro que não você (11.47).

Ó Arjuna, ninguém pelos estudos dos Vedas, nem pelos sacrifícios, nem pela caridade, nem pelos rituais, nem por severas austeridades, pode ver-Me nesta forma cósmica, neste mundo humano, além de você (11.48).

Não fique perturbado, e nem confuso, por ver Minha semelhante e terrível forma como esta. Sem medo, e com a mente alegre, agora contemple a Minha forma de quatro braços (11.49).

Sañjaya disse: Após dizer desse jeito para Arjuna, Krishna revelou a Sua forma de quatro braços. E, então, assumindo a Sua agradável forma humana, o Grande Uno, consolou Arjuna, que estava aterrorizado (11.50).

Arjuna disse: Ó Krishna, vendo esta amável forma Sua, eu agora fiquei tranqüilo, e novamente me sinto normal (11.51).

O Senhor Krishna disse: esta Minha forma de quatro braços que você vê é muito difícil, realmente, de ser vista. Mesmo os controladores celestes estão sempre desejosos de ver Esta forma (11.52).

Esta Minha forma de quatro braços, que você vê, não pode ser vista mesmo pelo estudo dos Vedas, pelas austeridades ou por atos de caridade, ou pela realização de rituais (11.53).

De qualquer maneira, por intermédio de uma devoção sincera, Eu posso ser visto nesta forma, podendo ser conhecido em essência, e, também, posso ser alcançado, Ó Arjuna (11.54).

Aquele que dedica todos seus trabalhos para Mim, e para quem Eu sou a meta suprema; que é meu devoto; que não possui apegos ou desejos egoístas; que está livre da maldade para com todas as criaturas, alcança-Me, Ó Arjuna (11.55).

Capítulo XII

CAMINHO DA DEVOÇÃO

Arjuna perguntou: “Quais destes é o melhor conhecimento do Yoga: daqueles que sempre devotam e que adoram o Seu aspecto pessoal, ou daqueles que adoram o Seu aspecto impessoal, o Absoluto sem forma?” (12.01)

O Senhor Krishna disse: “Eu considero o melhor dos Yogis aquele que é sempre constante e devotado, que Me adora com suprema fé, por fixar a sua mente em Mim como seu Deus Pessoal. (12.02)

Também Me alcança quem devota o imutável, o inexplicável, o invisível, o onipotente, o inconcebível, o imóvel, o sem forma – Meu aspecto impessoal – controlando todos os sentidos, mesmo em meio a todas as circunstâncias, e se ocupam no bem-estar de todas as criaturas. (12.03-04)

A auto-realização é mais difícil para aqueles que fixam a sua mente no impessoal, imanifesto e no Absoluto sem forma, porque a compreensão nesta forma imanifesta, pelos seres incorporados, é alcançada com grande dificuldade. (12.05)

Mas para aqueles que Me adoram com inabalável devoção como Seu Deus Personificado, em quem os pensamentos estão postos na Minha forma pessoal, e que oferecem todas as ações para Mim, os objetivos para Mim com o Supremo, e meditam em Mim – Eu ligeiro Me torno redentor deles, do mundo que é um oceano de mortes e reencarnações, Ó Arjuna. (12.06-07)

Portanto, focalize a sua mente em Mim e deixe a sua inteligência residir apenas em Mim, através da meditação e da contemplação. Desde então, você certamente Me alcançará. (12.08)

Se você é incapaz de focalizar firmemente a sua mente em Mim poderá alcançar-Me por longa prática de qualquer outra disciplina espiritual, assim como um ritual, ou adoração de deidade que você escolher. (12.09)

Mesmo se você for inapto para qualquer disciplina espiritual, então dedique todo o teu trabalho para Mim, ou faça todas as obrigações para Mim. Você alcançará a perfeição por fazer as suas obrigações prescritas para Mim – sem qualquer motivo egoísta – da mesma forma que um instrumento, para servir e

agradar-Me. (12.10)

Se você for incapaz de dedicar o seu trabalho para Mim, então simplesmente renda-se a Minha vontade, e renuncie aos apegos, e a inquietação, para os frutos de todo o trabalho, através do aprendizado em aceitar todos os resultados, com equanimidade, como um graça de Deus. (12.11)

O conhecimento transcendental das escrituras é melhor do que a mera prática ritualística; a meditação é melhor do que o conhecimento das escrituras; a renúncia ao apego egoísta aos frutos do trabalho (Karmayoga), é melhor que meditação; porque a paz advém imediatamente pela renúncia das causas egoístas. (12.12)

Aquele que não odeia nenhuma criatura, que é amigável e misericordioso, livre da idéia de “eu” e “meu”, sendo o mesmo na dor e no prazer, perdendo, e que está sempre contente, que há subjugado a mente, e cuja resolução está firme, cuja mente e inteligência estão ocupadas em juntar-se a Mim, e que é muito devotado a Mim, Me é muito querido. (12.13-14)

Aquele que é muito querido por Mim não agita os outros e não é agitado por eles, que é livre do prazer, inveja, medo, e ansiedade, também é muito querido por Mim (12.15)

Aquele que é desapegado, puro, sábio, imparcial, e livre da ansiedade, que há renunciado a adoração do fazer em todas as obrigações, semelhante a um devoto, é querido para Mim. (12.16)

Aquele que nunca se regozija e nem sente pesar, nem na satisfação ou no desgosto, que há renunciado o bem e o mal, e está pleno de devoção, também é querido por Mim. (12.17)

Aquele que é o mesmo em relação aos amigos ou inimigos, na honra ou na desgraça, no calor e no frio, no prazer e na dor; que está livre do apego; que é indiferente na crítica ou no louvor; que é quieto, e contente com o que possui; que é despegado em relação a lugar, país, ou ao lar; que está tranqüilo, e pleno de devoção, tal pessoa é querida por Mim. (12.18-19)

Mas aqueles devotos fiéis, que colocam-Me como a meta suprema, e a seguem, ou verdadeiramente aspiram o desenvolvimento – do néctar mencionado acima dos (quarenta) valores morais - são muito queridos por Mim. (12.20)

Capítulo XIII

A CRIAÇÃO E O CRIADOR

O Senhor Krishna disse: Ó Arjuna, este corpo físico, um universo em miniatura, pode ser chamado de campo ou criação. Aquele que conhece a criação é chamado o criador (ou o Espírito, Atma), pelos videntes da verdade (13.01).

Ó Arjuna, saiba que Eu sou o criador de todas as criaturas. Eu considero o verdadeiro entendimento, de que tanto o criador como a criação são o conhecimento transcendental (13.02).

O que é a criação; como ela é; quais são as suas transformações; em que lugar a criação se origina; quem é o criador, e o que é o Seu poder? brevemente, escute todas estas coisas de Mim (13.03).

Os sábios têm, separadamente, descrito a criação e o criador em diferentes caminhos nos hinos védicos e, também, nos conclusivos e convincentes versos de outras escrituras (13.04).

A energia primária material, o intelecto cósmico, “Eu” a consciência ou o ego, os cinco elementos básicos, os dez órgãos, a mente, os cinco objetos dos sentidos e o desejo, ódio, prazer, dor, o corpo físico, consciência e resolução – assim, foi brevemente descrito o campo inteiro com suas transformações (13.05-06).

Humildade, modéstia, não-violência, perdão, honestidade, serviço ao guru, pureza de pensamentos, palavras, obras e ações, regularidade, auto-controle, aversão pelos objetos dos sentidos, ausência do ego, constante reflexão sobre a dor, e o sofrimento inerente no nascimento, velhice, doença e morte (13.07-08).

Desapego dos membros da família, da casa, etc.; tranqüilidade incessante diante desejável e do indesejável, e devoção inabalável, através da contemplação sincera, para Comigo; gostar da solidão; desinteresse por encontros sociais e fofocas; estabilidade na aquisição do conhecimento do Ser, e ver a onipresença do Ser Supremo em todos os lugares – diz-se que isto é o que é para ser conhecido. O que é contrário a isto é ignorância (13.09-11).

Eu descreverei plenamente o Ser Supremo - o objeto do conhecimento. Por

conhecê-lo alcança-se a imortalidade. É dito que o Ser Supremo, sem princípio (sem começo), não é eterno nem temporário (13.12).

O Ser Supremo possui suas mãos, pés, olhos, cabeças, bocas e orelhas em todo o lugar, porque Ele é todo-penetrante e onipresente (13.13).

Ele é quem apercebe todos os objetos dos sentidos sem os órgãos dos sentidos; independente, e, mesmo assim, sustenta a todos, devido aos três modos da natureza material e, ainda mais, é o desfrutador dos modos da natureza material pela transformação das entidades vivas (13.14).

Ele está dentro bem como fora de todos os seres, animados e inanimados. Ele é incompreensível por causa de Sua sutileza. E por causa de Sua onipresença, Ele está muito próximo, residindo na nossa psique interior, bem como longe, na Sua Morada Suprema (13.15).

Ele é indivisível, mas apesar disto mostra-se como existente dividindo-Se nos seres. Ele é o objeto do conhecimento e aparece como o criador (Brahma), o sustentador (Vishnu), e o destruidor (Shiva) de todos os seres (13.16).

O Ser Supremo é a origem de todas as luzes. Diz-se que Ele está além da escuridão da ignorância. Ele é o auto-conhecimento, o objeto do auto-conhecimento, e está sentado na psique interior como consciência de todos os seres; e Ele é o que deve ser realizado pelo auto-conhecimento (13.17).

Eu, assim, brevemente, descrevi a criação bem como o conhecimento, e o objeto do conhecimento. Conhecendo isto, Meu devoto alcança a Minha Morada Suprema (13.18).

Saiba que tanto a natureza material como o Ser Espiritual não têm princípio. Todas as manifestações e as três ordens da mente e da matéria, chamadas de modos ou Guna, nascem da natureza material. A natureza material é dita que é a causa da produção do corpo físico e dos órgãos das percepção e da ação. Espírito (ou consciência) é dito que é a causa da experimentação da dor e do prazer (13.19-20).

O Ser Espiritual desfruta dos três modos da natureza material pela associação com a natureza material. O apego aos três modos da natureza material (devido a ignorância causada pelo karma anterior) é a causa do nascimento da entidade viva em bons ou maus ventres (13.21).

O Espírito no corpo é a testemunha, o guia, o suporte, o desfrutador, e o controlador de todos os acontecimentos (13.22).

Aqueles que verdadeiramente entendem o Espírito, e a natureza material com os seus três modos (como descritos acima), não voltam a nascer novamente, apesar de seus estilos de vida (13.23).

Alguns percebem a Superalma, em sua psique interior, através da mente e do intelecto, tendo-os purificado através da meditação ou pelo conhecimento metafísico, ou pelo serviço sem egoísmo (13.24).

Outros, entretanto, não conhecem o Yoga da meditação; do conhecimento, e do serviço sem egoísmo; mas eles realizam adoração à deidade, com firme fé, amor e devoção, como mencionado nas escrituras pelos santos e sábios. Eles, também, transcendem à morte pela virtude de suas fés firmes, que eles têm nos seus corações (13.25).

Tudo o que é criado – animado ou inanimado – saiba, Ó Arjuna, que eles nascem da união do Espírito e da matéria (13.26).

Aquele que vê o mesmo e eterno Senhor Supremo, residindo como Espírito, igualmente em todos os seres mortais, de fato vê (13.27).

Quando alguém contempla o uno, e o mesmo Ser, igualmente em cada ser, não faz nenhum dano a ninguém, porque considera tudo como o próprio Ser, e, por isso, alcança a Morada Suprema (13.28).

Aquele que percebe que todos os trabalhos (ações) são feitos pelos poderes da natureza material, verdadeiramente entendem, e não consideram a si mesmos como os fazedores (13.29).

No instante em que se descobre a diversa variedade de seres, e suas diferentes idéias, habitando o Uno, revelando-se somente Neste, alcança-se o Ser Supremo (13.30).

Por ser sem-começo, e não ser afetada pelos três modos da natureza material, a Superalma eterna – mesmo que residindo no corpo como uma entidade viva – jamais faz qualquer coisa, nem fica maculada pelo Karma, Ó Arjuna (13.31).

Assim como o espaço que a tudo interpenetra não é maculado, por causa de sua sutileza, similarmente, o Espírito que habita o corpo não é maculado por

ele (13.32).

Assim como o sol ilumina o mundo inteiro, similarmente, o Espírito dá a vida para a criação inteira, Ó Arjuna (13.33).

Alcança o Supremo, quem percebe – com os olhos do auto-conhecimento – a diferença entre criação (ou o corpo) e o criador (ou o Espírito), bem como conhece as técnicas de liberação da entidade viva da armadilha da divina energia ilusória (Maya; Prakriti) (13.34).

Capítulo XIV

OS TRÊS MODOS DA NATUREZA MATERIAL

O Senhor Krishna disse: Eu facilitarei a explanação para você do conhecimento supremo, o melhor de todo o conhecimento; conhecendo isso, todos os sábios têm alcançado a salvação (14.01).

Aqueles que pegam refúgio neste conhecimento transcendental alcançam a unidade Comigo, e não nascem no tempo da criação, e nem se atormentam no tempo de dissolução (14.02).

Minha natureza material é o ventre da criação onde Eu planto a semente da Consciência, da qual todos os seres nascem, Ó Arjuna (14.03).

Qualquer que seja a forma gerada em todos os diferentes ventres, Ó Arjuna, a natureza material é a mãe cósmica doadora corporal deles, e o Espírito ou Consciência é o pai doador da vida (14.04).

Bondade, atividade, e inércia – estes três modos (ou amarras) da natureza material acorrentam a eterna alma individual no corpo, Ó Arjuna (14.05).

Destes, o modo da bondade é iluminado, e bom, porque ele é puro. O modo da bondade acorrenta a entidade viva pelo apego à felicidade e ao conhecimento, Ó inocente Arjuna (14.06).

Arjuna, saiba que o modo da paixão é caracterizado pelo desejo intenso da gratificação dos sentidos, e é a origem do desejo material e do apego. O modo da paixão acorrenta a entidade viva pelo apego aos frutos do trabalho (14.07).

Saiba, Ó Arjuna, que o modo da ignorância – o enganador da entidade viva – nasce da inércia. O modo da ignorância ata as entidades vivas pela desatenção, preguiça, e pelo dormir demasiado (14.08).

Ó Arjuna, o modo da bondade prende alguém à felicidade do estudo e conhecimento do espírito; o modo da paixão prende à ação; e o modo da ignorância prende por negligência, pelo encobrimento do auto-conhecimento (14.09).

A bondade prevalece pela supressão da paixão e da ignorância; a paixão prevalece pela supressão da bondade e da ignorância, e a ignorância prevalece

pela supressão da bondade e da paixão, Ó Arjuna (14.10).

Quando a luz do auto-conhecimento ilumina a todos os sentidos no corpo, então será conhecido que a bondade é predominante (14.11).

Ó Arjuna, quando a paixão é predominante, avareza, atividade, tarefas de trabalhos egoístas, inquietação, e excitação aparecem (14.12).

Ó Arjuna, quando a inércia é predominante, a ignorância, inatividade, desatenção e ilusão aparecem (14.13).

Aquele que morre quando a bondade é dominante, de bom coração, vai para o céu – o mundo puro dos conhecedores do Supremo (14.14).

Aquele que morre quando a paixão é dominante, renasce ligado a ação (ou ao utilitário). Aquele que morre na ignorância, renasce como uma criatura inferior (14.15).

O fruto da boa ação se diz que é benéfico e puro; o fruto da ação apaixonada é a dor; e o fruto da ação ignorante é a preguiça (14.16).

O auto-conhecimento surge do modo da bondade; a ambição surge do modo da paixão, e a negligência, a ilusão, e a preguiça da mente, surgem do modo da ignorância (14.17).

Aqueles que estão estabelecidos na bondade vão para o paraíso; as pessoas na paixão, renascem no mundo mortal; e os desinteressados, residentes no modo da ignorância, dirigem-se aos planetas infernais, ou adquirem nascimento como criaturas inferiores (dependendo do degrau de suas ignorâncias) (14.18).

Quando os videntes percebem não serem os fazedores de outra coisa, a não ser dos três modos da natureza material (Gunas), e conhecem o Supremo, o qual está acima e além destes modos, então, eles alcançam o Nirvana ou a salvação (14.19).

Quando alguém se ergue por sobre, ou transcende, os três modos da natureza material, que origina o corpo, alcança a imortalidade ou salvação, e fica livre da dor do nascimento, velhice e morte (14.20).

Arjuna disse: quais são os sinais daqueles que têm transcendido os três modos da natureza material, e qual é o comportamento deles? Como faz alguém que

transcende estes três modos da natureza material, Ó Krishna? (14.21).

O Senhor Krishna disse: transcende os modos da natureza material quem nunca odeia a presença do esclarecimento, atividade, e ilusão, e nem os deseja quando eles estão ausentes; quem permanece como uma testemunha sem ser afetada pelos modos da natureza material; quem se mantém firmemente ligado ao Senhor sem vacilar – pensando que somente os modos da natureza material estão operando (14.22-23).

E aquele que depende do Senhor, e é indiferente a dor e ao prazer; a quem um montinho de terra, uma pedra e o ouro lhe são iguais, e para quem a amizade e a inimizade lhe são iguais; quem tem a mente firme; quem é tranqüilo na crítica e no elogio, e indiferente na honra e na desonra; quem é imparcial para o com o amigo e o inimigo; e quem renunciou o sentimento de executor da ação (14.24-25).

Aquele que serve a Mim com amor, e com devoção inabaláveis, transcende os três modos da natureza material e adequa-se ao Nirvana (14.26).

Porque Eu sou a origem do Espírito imortal, da eterna ordem cósmica (Dharma), e da bem-aventurança suprema (14.27).

Capítulo XV

O SER SUPREMO

O Senhor Krishna disse: O universo (ou o corpo humano) pode ser comparado com uma árvore eterna, que tem a sua origem (raízes) no Ser Supremo, e cujos seus galhos descem do cosmos. Os hinos védicos são as folhas desta árvore. Aquele que entende esta árvore é o conhecedor dos Vedas (15.01).

Os ramos desta árvore eterna espalham-se por todo o cosmos. A árvore é alimentada pela energia na natureza material; os sentidos de prazer são seus brotos; e suas raízes são o ego, e os desejos que se estendem ao mundo humano causam o cativo kármico (15.02).

O começo, o fim, ou a forma real desta árvore, não são perceptíveis na Terra. Tendo cortado as raízes firmes – os desejos – desta árvore por meio do machado do auto conhecimento e desapego, vemos a Morada Suprema, alcançando-se o local de onde nunca mais se volta a este mundo mortal novamente. Deve-se sempre pensar: “Nesta completa pessoa primordial eu alcanço refúgio, do qual esta primordial manifestação sai” (15.03-04).

O sábio alcança a meta eterna, estando livre do orgulho e da ilusão, e conquistando o mal do apego; residindo constantemente no Ser Supremo, tendo toda a luxúria calada, e estando livre das dualidades do prazer e da dor (15.05).

Esta Minha Suprema morada não é iluminada pelo sol, nem pela lua, nem pelo fogo. Tendo A alcançado, as pessoas adquirem a liberação permanente (mukti), e não voltam para este mundo temporário (15.06).

A alma individual (jiva, jivatma) no corpo das entidades vivas é parte integral do Espírito universal, ou consciência. A alma individual, associa-se com as seis sensórias faculdades de percepção – incluindo a mente – e as ativam (15.07).

Assim como o ar carrega o aroma das flores, similarmente, a alma individual carrega as seis faculdades dos sentidos do corpo físico, que são descartadas durante a morte, para um novo corpo adquirido na reencarnação (15.08).

A entidade viva diverte-se com os prazeres usando as seis faculdades dos

sentidos, ouvindo, tocando, vendo, saboreando, cheirando e com a mente. O ignorante não pode perceber a partida da entidade viva do corpo físico, nem sua permanência no corpo, e diverte-se com os prazeres dos sentidos pela associação com o corpo material. Mas aqueles que possuem seus olhos no Auto-conhecimento, podem ver isto (15.09-10).

Os yogis, aspirando por perfeição, contemplam a entidade viva permanente em suas consciências internas, mas, o ignorante, cuja a psique interna não é pura, embora se esforçando, não podem Me perceber (15.11).

Saiba que a energia luminosa do Sol que ilumina o mundo todo, e a da Lua, bem como a do fogo, vem de Mim (15.12)

Penetrando na Terra, Eu suporto todos os seres com Minha energia. Transformando a energia vital da lua, Eu alimento todas as plantas (15.13).

Transformando o fogo digestivo, Eu mantenho o corpo de todas os seres vivos. Unindo com o sopro vital, ou bioimpulsos, Eu digiro todo o tipo de alimento (15.14).

E Eu estou sentado na psique interior de todos os seres. Memória, auto-conhecimento, remoção das dúvidas, e das falsas noções sobre Deus, vêm de Mim. Eu sou, na verdade, o que é para ser conhecido pelo estudo de todos os Vedas. Eu sou, realmente, o autor bem como o estudante dos Vedas (15.15).

Há duas entidades no cosmos: os temporais e mutáveis seres, e o eterno e imutável Ser Eterno (Espírito). Todas as criaturas criadas estão sujeitas a mudanças, mas o Espírito não muda (15.16).

O Ser Supremo é tanto os seres temporários como Ser Eterno. Ele é também chamado de Realidade Absoluta, que sustenta tanto o que é temporário como o Eterno que a tudo penetra (15.17).

Porque Eu, o Ser Supremo, sou tanto o temporário como o eterno; então, Eu sou conhecido neste mundo e nas escrituras como o Ser Supremo (Realidade Absoluta, Verdade, Superalma (15.18).

O sábio que verdadeiramente Me entende como o Ser Supremo, conhece tudo e Me adora de todo o coração, Ó Arjuna (15.19).

Assim, eu expliquei a ciência mais secreta e transcendental do Absoluto. Tendo entendido isso, a pessoa se torna iluminada, todas as suas obrigações

são efetuadas, e a meta da vida humana é alcançada, Ó Arjuna (15.20).

Capítulo XVI

QUALIDADES DIVINAS E DEMONÍACAS

O Senhor Krishna disse: destemor, pureza da psique interior, perseverança no yoga do auto-conhecimento, caridade, bom-senso, sacrifício, estudo das escrituras, austeridade, honestidade, não-violência, veracidade, ausência de ira, renúncia, equanimidade, abstenção de conversas maliciosas, compaixão para com todas as criaturas, livre da ambição, delicadeza, modéstia, ausência de instabilidade, esplendor, perdão, coragem, limpeza, ausência de malícia, e ausência de orgulho – estas são algumas das qualidades daqueles favorecidos com virtudes divinas, Ó Arjuna (16.01-03).

Ó Arjuna, o sinal daqueles que nascem com qualidade demoníacas são: hipocrisia, arrogância, orgulho, ira, perversidade e ignorância (16.04).

As divinas qualidades conduzem à salvação, e as qualidade demoníacas para o cativeiro. Não sofra, Ó Arjuna – você nasceu com qualidades divinas (16.05).

Há somente dois tipos (ou castas) de seres humanos neste mundo: o divino ou sábio, e o demoníaco ou ignorante. O divino será descrito no final; agora, ouça de Mim sobre a os demoníacos, Ó Arjuna (16.06).

As pessoas de natureza demoníaca não sabem o que se deve ou não se deve fazer. Elas não possuem nenhuma pureza, boa conduta, nem honestidade (16.07).

Elas dizem: o mundo é irreal, sem um substrato, sem Deus, sem ordem; e que a união sexual do homem e da mulher por si só, e nada mais, é a causa do mundo (16.08).

Juntando-se a estas (e outras) deformadas e diabólicas visões – estas almas degradadas – com fraco intelecto e ações cruéis – nascem como inimigos para destruir o mundo (16.09).

Cheios de insaciáveis desejos, hipocrisia, orgulho, e arrogância; mantendo visões erradas devido a ilusão – eles agem com motivos impuros (16.10).

Obcecados com ansiedade sem fim até a morte, considerando a gratificação dos sentidos o objetivo mais elevado deles, e convencidos que o prazer dos sentidos está em tudo; (16.11).

Atados por centenas de nós de desejos, e escravizados pela luxúria e ira, eles aspiram por receber riquezas por meios ilegais, para a satisfação dos prazeres sexuais. Ele pensam: (16.12).

Isto foi ganho por mim hoje; eu irei realizar este desejo; eu tenho mais riqueza e terei muito mais no futuro; (16.13).

Esse inimigo foi morto por mim, e eu irei matar outros também. Eu sou o Senhor. Eu sou o desfrutador. Eu sou bem-sucedido, poderoso e feliz; (16.14).

Eu sou rico e nasci numa nobre família. Quem se equivale e mim? Eu irei realizar sacrifícios; eu darei caridade, e eu irei desfrutar. Assim, iludidos pela ignorância, (16.15)

Confundidos com muitas faces, embaraçados na rede de ilusão, dedicados ao desfrute dos prazeres sexuais, eles caem dentro do inferno (16.16).

Auto-convencidos, teimosos, cheio de orgulho e intoxicação pela riqueza, eles realizam serviços somente em nome da fama, e não de acordo com as injunções das escrituras (16.17).

Estas pessoas maliciosas apegam-se ao egoísmo, poder, arrogância, luxúria, e ira; e eles negam a Minha presença em seus próprios corpos e nos corpos dos outros (16.18).

Eu jogo estes inimigos, estas pessoas cruéis, pecadoras e malvadas, no ciclo de nascimentos e mortes, no ventre de demônios (ou pais degradados), repetidamente, de acordo com os seus karmas (16.19).

Ó Arjuna, entrando no ventre de demônios, nascimento após nascimento, os iludidos afundam no mais baixo nível sem nunca alcançar-Me (até suas mentes se voltarem para proteção de Deus, sob Minha misericórdia sem causa) (16.20).

Luxúria, ira e avareza são os três portões do inferno, que conduzem o indivíduo para a queda (ou cativeiro). Então, aprenda como abandoná-los (16.21).

Aquele que se libera destes três portões do inferno, Ó Arjuna, fazem o que há de melhor, e conseqüentemente, Me alcançam (16.22).

Quem quer que atue sob a influência dos desejos, desobedecendo as injunções da escrituras, jamais alcança a perfeição, nem a felicidade, nem a Morada Suprema (16.23).

Então, deixe as escrituras ser seu guia na determinação do que deverá ser feito e o que não deverá fazer. Você deve realizar suas obrigações seguindo as injunções das escrituras (16.24).

Capítulo XVII

FÉ TRÍPLICE

Arjuna disse: qual é o modo de devoção daqueles que realizam práticas espiritual com fé, mas que não seguem as injunções escriturais, Ó Krishna?, isto está no modo da bondade, paixão ou ignorância? (17.01).

O Senhor Krishna disse: a fé natural nos seres incorporados é de três tipos; bondade, paixão e ignorância. Agora ouça de Mim sobre elas (17.02).

Ó Arjuna, a fé de cada um está de acordo com a própria natureza de cada um, sendo governada pelas impressões kármicas. Conhecemos alguém por sua fé. Podemos nos tornar o que queremos ser, se contemplarmos constantemente naquilo que se desejar com fé (17.03).

As pessoas no modo da bondade adoram os controladores celestes; os que estão no modo da paixão adoram os controladores sobrenaturais e os demônios, e aqueles que estão no modo da ignorância adoram os fantasmas e os espíritos (17.04).

As pessoas ignorantes, de natureza demoníaca, são aquelas que praticam severas austeridades sem seguir as prescrições das escrituras, que estão cheias de hipocrisia e egoísmo, que são impelidas pela força dos desejos e apegos, e que de forma insensata torturam seus corpos e também a Mim que resido dentro de seus corpos (17.05-06).

O alimento preferido por todos nós é também de três tipos. Assim são o sacrifício, a austeridade e a caridade. Ouça agora a distinção entre eles (17.07).

Os alimentos que promovem a longevidade, a virtude, a força, a saúde, a alegria, e que são gostosos e suculentos, macios, substanciais e nutritivos estão no modo da bondade. As pessoas que gostam deste alimentos estão no modo da bondade (17.08).

As pessoas no modo da paixão gostam de alimentos que são muito amargos, azedos, salgados, picantes, secos e ardentes, e causam dor, sofrimento e doença (17.09).

As pessoas no modo da ignorância gostam de alimentos que são rançosos, pútridos, podres, restos, e impuros (semelhante à carne e o álcool) (17.10).

Os Sacrifícios impostos pelas escrituras, e realizados sem o desejo pelos frutos, com uma firme crença e convicção que ele é uma obrigação, está no modo da bondade (17.11).

O sacrifício que é realizado apenas para mostrar e tem em vista os frutos, está no modo da paixão, Ó Arjuna (17.12).

O sacrifício que é realizado sem seguir as escrituras, no qual não se distribui alimentos, e é destituído de mantra, fé e presentes, diz-se que está no modo da ignorância (17.13).

A adoração dos controladores celestes, o sacerdote, o guru, e o sábio; pureza, honestidade, celibato, e não-violência – estes são ditos como sendo austeridade de ação (17.14).

O discurso que não é ofensivo, verdadeiro, agradável, benéfico, e é usado para a leitura regular em voz alta das escrituras é chamado de austeridade da palavra (17.15).

A austeridade de pensamentos inclui a serenidade da mente, suavidade, tranqüilidade, auto-controle, e pureza de pensamentos (17.16).

O que foi mencionado acima, tríplice austeridade (de pensamentos, palavras e ações), é praticado pelos yogis com fé suprema sem o desejo pelos frutos, e é dito que está no modo da bondade (17.17).

A austeridade que é feita para ganhar respeito, honra, reverência, ou com o propósito de mostrar proveito, em resultados incertos e temporários, é dito que está no modo da paixão (17.18).

A austeridade realizada com imprudente teimosia ou com a tola auto-tortura ou para causar danos nos outros, é dito que está no modo da ignorância (17.19).

A caridade que é dada no lugar e tempo corretos, como uma matéria de obrigação, para um merecido pretendente, que nada quer de retorno, é considerada como sendo no modo da bondade (17.20).

A caridade que é dada de má vontade ou que tem em vista alguma coisa de retorno ou olha por algum fruto, é dito que está no modo da paixão (17.21).

A caridade que é dada em tempo e lugar errados, por pessoas inadequadas ou

sem o respectivo pagamento para receber, ou dado com zombaria, é dito que está no modo da ignorância (17.22).

Somente Deus é realidade – OM TAT SAT. As pessoas com qualidades divinas, os Vedas, e sacrifícios (ou serviço abnegado), foram criadas por Deus nos antigos tempos (17.23).

Deste modo, os atos de sacrifício, caridade, e austeridade, prescritos nas escrituras, são sempre iniciados pelo pronunciar de qualquer dos muitos nomes de Deus (como OM, Amem, ou Allah), por aqueles conhecedores do Supremo (17.24).

Os buscadores da salvação realizam vários tipos de sacrifício, caridade, e austeridade expressando: Ele é tudo ou TAT sem pedir nada em troca (17.25).

A palavra “Verdade ou SAT”, é usada no sentido de Realidade e bondade. A palavra Verdade é também usada para um ato auspicioso, Ó Arjuna (17.26).

Fé no sacrifício, caridade, e austeridade também são chamados de Verdade. Serviço abnegado (livre de egoísmo e apegos) que têm como objetivo o Supremo é, na verdade, denominado de Verdade (17.27).

O que quer que seja feito sem fé – quer seja feito com sacrifício, caridade, austeridade ou qualquer outro ato – será imprestável. Não tem valor aqui ou além, Ó Arjuna (17.28).

Capítulo XVIII

SALVAÇÃO ATRAVÉS DA RENÚNCIA

Arjuna disse: eu desejo conhecer a natureza da renúncia, e do sacrifício, e a diferença entre os dois, Ó Senhor Krishna (18.01)

O Senhor Krishna disse: os sábios definem a renúncia como abstenção de todo trabalho para proveito próprio. O sábio define o sacrifício como sendo livre do apego egoísta para os frutos de todo o trabalho (18.02).

Alguns filósofos dizem que todo o trabalho é cheio de falhas e devem ser abandonados, enquanto outros dizem que os atos do sacrifício, caridade, e austeridade não devem ser abandonados (18.03).

Ó Arjuna, escute Minha conclusão sobre o sacrifício. O Sacrifício é dito que é de três tipos (18.04).

Atos proveitosos, caridade, e austeridade não devem ser abandonados, mas devem ser realizados porque serviço, caridade e austeridade são os purificadores do sábio (18.05).

Mesmo aqueles trabalhos obrigatórios devem ser realizados sem apego aos frutos dos resultados. Este é Meu conselho definitivo, Ó Arjuna (18.06).

Abandone toda a obrigação que não é própria. O abandono do trabalho obrigatório é devido à ilusão, e é declarado como estando no modo da ignorância (18.07).

Aqueles que abandonam as obrigações, meramente porque é difícil ou por causa do medo de uma aflição corpórea, não recebem os benefícios dos sacrifícios, por realizarem sacrifícios semelhante ao modo da paixão (18.08).

O trabalho obrigatório realizado como uma obrigação, renunciando o apego egoísta pelos frutos, é considerado como um sacrifício no modo da bondade (18.09).

Aquele que nunca odeia um trabalho desagradável, não é apegado ao trabalho agradável, é considerado um renunciante (Tyagi), estando embebido com o modo da bondade, inteligência, e livre de todas as dúvidas sobre o Ser Supremo (18.10).

Os seres humanos não podem se abster por completo do trabalho. Então, aquele que renuncia completamente ao apego egoísta aos frutos de todo o trabalho é considerado um renunciante (18.11).

Os três frutos do trabalho – o desejável, o indesejável, e o misto – acumulam-se após a morte de quem não é um renunciante (Tyagi), mas nunca para um Tyagi (18.12).

Aprenda Comigo, Ó Arjuna, as cinco causas, como são descritas na doutrina Sankhya, para a realização de todas as ações. Elas são: o corpo físico, o assento do Karma; os modos da natureza materiais, o fazedor; os onze órgãos da percepção e ação, os instrumentos; as várias forças vitais; e o quinto, as deidades dirigentes dos onze órgãos (18.13-14).

Estas são as cinco causas de qualquer ação, seja correta ou errada, alguém as realiza por pensamento, trabalho e obra (18.15).

Portanto, aquele que considera seu corpo ou o Espírito (Atma, alma) como o único agente, não compreende, devido ao conhecimento imperfeito (18.16).

Aquele que está livre da idéia de “fazedor” e cujo intelecto não está poluído pelo desejo de colher o fruto – mesmo após ter matado alguém – ninguém mata ou é atado pelo ato de matar (18.17)

O sujeito, o objeto, e o conhecimento do objeto, são os tríplices condutores da força para uma ação. Os onze órgãos, o ato, e o agente ou os modos da natureza material, são os três componente da ação (18.18).

O auto-conhecimento, a ação, e o agente diz-se que são de três tipos, de acordo com a doutrina Sankhya. Ouça a tempo sobre estes também (18.19).

O conhecimento pelo qual alguém vê como uma mesma coisa imutável, a indivisível divindade em todas as criaturas, está no modo da bondade (18.20).

O conhecimento pelo qual alguém entende cada indivíduo como diferente um do outro, semelhante conhecimento está no modo da paixão (18.21).

O irracional, sem base, o conhecimento sem valor, pelo qual alguém se apega a um único efeito – como ao corpo – como se isso fosse tudo, semelhante conhecimento está no modo da escuridão ou ignorância (18.22).

A atividade obrigatória, realizada, quer se goste ou não, sem motivos egoístas,

e apego aos frutos, está no modo da bondade (18.23).

A ação realizada com egoísmo, com desejos egoístas, e também com muito esforço, está no modo da paixão (18.24).

A ação que é tomada por causa da ilusão, indiferente às conseqüências, perda, que cause dano aos outros, bem como a sua própria habilidade, está no modo da ignorância (18.25).

O agente que está livre do apego, que não é egoísta, doado, com determinação e entusiasmo, e que não se perturba no sucesso ou no fracasso é chamado de bom (18.26).

O agente que é impaciente, que deseja o fruto do trabalho, que é voraz, violento, impuro, e atingido pelo prazer e pela aflição, é chamado de apaixonado (18.27).

O agente que é indisciplinado, vulgar, teimoso, malvado, malicioso, preguiçoso, deprimido, e procrastinador é chamado de ignorante (18.28).

Agora ouça a Minha explicação, plena e separadamente, da tríplice divisão do intelecto, e decida, baseado nos modos da natureza material, Ó Arjuna (18.29).

Ó Arjuna, aquele intelecto o qual entende o caminho da ação, e o caminho da renúncia; da ação certa e errada, medo e destemor, cativo ou liberação, está no modo da bondade (18.30).

O intelecto está no modo da paixão quando não pode distinguir entre o reto agir (Dharma) e a ação contrária ao dever (Adharma), e a ação certa e errada, Ó Arjuna (18.31).

O intelecto está no modo da ignorância quando aceita a injustiça (Adharma) como sendo justiça (Dharma), e pensa tudo o que não é como sendo, Ó Arjuna (18.32).

Quem decide estar no modo da bondade controla as funções da mente, Prana (força vital; bioimpulsos), e os sentidos, fazendo apenas boas ações, Ó Arjuna (18.33).

Quem decide pelo modo da paixão, pelo qual alguém deseja os frutos do trabalho, une-se à obrigação, à riqueza, e ao prazer com grande apego, Ó

Arjuna (18.34).

Quem decide pelo modo da ignorância, pelo qual uma pessoa estúpida não abre mão de dormir, dorme (em demasia), tem medo, pesar, desespero, e desatenção Ó Arjuna (18.35).

E agora ouça de Mim, Ó Arjuna, sobre os três tipos de prazer. O prazer que alguém desfruta pela prática espiritual resulta na cessação de todos os sofrimentos (18.36).

O prazer que aparece como veneno no começo, mas é como néctar no fim, vem pela graça do Auto-conhecimento, e está no modo da bondade (18.37).

O prazer sexual que aparece como néctar no começo, mas se torna como veneno no fim, está no modo da paixão (18.38).

O prazer que confunde uma pessoa no começo e que no fim resulta em sono, preguiça, e desatenção está no modo da ignorância (18.39).

Não há nenhum ser sobre a Terra ou entre os controladores celestes no céu que possa ficar livre destes três modos da natureza material (18.40).

A divisão do trabalho humano, dentro de quatro categorias, está baseada nas qualidades inerentes da natureza das pessoas ou constituição delas (18.41).

Os intelectuais que possuem serenidade, auto-controle, austeridade, pureza, paciência, honestidade, conhecimento transcendental, experiência transcendental, e acreditam em Deus, são classificados como instruídos (Brahmans) (18.42).

Aqueles que possuem as qualidades de heroísmo, vigor, firmeza, habilidade, estabilidade na batalha, caridade, e dons administrativos são chamados de líderes, ou protetores (Kshatriyas) (18.43).

Aqueles que são bons no cultivo, no cuidado com o gado, negócios, comércio, finanças, e indústria são conhecidos como homens de negócios (Vaishyas). Aqueles que são muito bons nos serviços e atividade são classificados como trabalhadores (Shudras) (18.44).

Alcança-se a mais elevada perfeição pela devolução pelo natural trabalho de alguém. Escute-Me como alguém alcança a perfeição enquanto engajado no seu trabalho natural (18.45).

Alcança-se a perfeição pela adoração ao Ser Supremo – de quem todos os seres se originam, e o qual a todo este universo penetra – através da execução da natural obrigação de cada um dedicando-a Mim (18.46).

O trabalho relativo à natureza da pessoa, ainda que inferior, é melhor do que o trabalho não natural à pessoa, mesmo que bem realizado. Aquele que faz um trabalho ordenado pela sua natureza inerente, sem qualquer motivo egoísta, incorre em pecado (ou reação kármica) (18.47).

O trabalho natural de alguém, embora defeituoso, não deverá ser abandonado porque todas as obrigações são desenvolvidas pelos defeitos assim como o fogo é coberto pela fumaça, ó Arjuna (18.48).

A pessoa cuja a mente está sempre livre do ao apego egoísta, que subjugou a mente e os sentidos, e que é livre dos desejos, alcança a suprema perfeição da liberdade do cativo do karma, através da renúncia do apego egoísta aos frutos do trabalho (18.49).

Aprenda de Mim brevemente, Ó Arjuna, como alguém que alcançou semelhante perfeição, ou a liberdade do cativo do Karma, alcançando o Ser Supremo, a meta do conhecimento transcendental (18.50).

Favorecido com o intelecto purificado; subjugando a mente com firme resolução; afastando-se dos ruídos e de outras coisas dos sentidos; abrindo mão do gostar e não gostar; vivendo na solidão; comendo ligeiramente; controlando a mente, a fala e os órgãos de ação; estar sempre absorto em Yoga da meditação; refugiando-se no desapego, e abrindo mão do egoísmo, da violência, do orgulho, da ira, e do sentimento de propriedade – torna uma pessoa pacífica, livre da noção de “Eu, meu, e para mim”, e adequa-a para alcançar a união com o Ser Supremo (18.51-53).

Absorvido no Ser Supremo, a pessoa serena não sofre e nem deseja. Tornando-se imparcial para todos os seres, a pessoa obtém o mais elevado amor por Deus (18.54).

Pela devoção uma pessoa entende, verdadeiramente, o que, e quem, Eu sou em essência. Tendo Me conhecido em essência, imediatamente, a pessoa liga-se a Mim (18.55).

Um devoto Karmi Yogi alcança a eterna e imutável morada por Minha graça – mesmo enquanto realiza a sua obrigações – apenas por tomar refúgio em

Mim (por dedicar todas as ações para Mim com amor e devoção) (18.56).

Ofereça sinceramente todas as ações para Mim, coloca-Me como a sua meta suprema, e dependa completamente de Mim. Fixe a sua mente em Mim, e se refugie em Karma Yoga (18.57).

Você superará todas as dificuldades por Minha graça, quando a sua mente tornar-se fixa em Mim. Mas se você não escutar isto de Mim, devido ao ego, você perecerá (18.58).

Se devido ao egoísmo você pensa: “eu não irei lutar”!, você resolverá em vão, porque a sua própria natureza deve compelir você para a luta (18.59).

Ó Arjuna, você é controlado por sua própria natureza, nascida nas impressões Kármicas. Portanto, tem de fazer - mesmo contra o seu querer – o que você não deseja fazer, devido a ilusão (18.60).

O Senhor Supremo – como o controlador habitante na psique interior de todos os seres – motiva-os para trabalhar nos seus Karmas, como um fantoche (do karma criado pelo livre arbítrio), montados numa máquina (18.61).

Procure refúgio no Senhor Supremo apenas, com amor e devoção, ó Arjuna. Por Sua graça você terá paz suprema, e alcançará a Morada Eterna (18.62).

Assim, eu expliquei para ti o mais secreto dos conhecimentos. Após refletir plenamente sobre isto, fala o que você desejar (18.63).

O CAMINHO DA RENDIÇÃO É O FUNDAMENTAL PARA DEUS

Ouçã novamente Minhas mais secretas e supremas palavras. Você é muito querido para Mim; portanto, Eu direi isto para o seu benefício (18.64).

Fixe a sua mente em Mim, seja devotado a Mim; ofereça o serviço para Mim; reverencie a Mim, e você certamente irá alcançar-Me. Eu prometo a você porque você é meu amigo muito querido (18.65).

Ponha de lado todas os feitos meritórios e rituais religiosos, e simplesmente renda-se por completo a Mim, com fé firme, amor e devoção. Eu irei libertar você de todos os pecados, as amarrados do Karma. Não sofra (18.66).

Este conhecimento jamais deverá ser falado para quem não é devotado, que

não tem austeridade, que é sem devoção, que não quer ouvir, ou que fala mal de Mim (18.67).

Aquele que propagar esta filosofia secreta – o transcendental conhecimento do Gita – entre Meus devotos, realizará o mais elevado serviço devocional para Mim, e certamente virá até a Mim, e não haverá ninguém sobre a Terra que seja mais querido por Mim (18.68-69).

Aqueles que estudarem nosso sagrado diálogo realizarão um ato sagrado na propagação e aquisição do auto-conhecimento. Esta é a Minha promessa (18.70).

Quem quer que ouvir este sagrado diálogo com fé, e sem criticar, se tornará livre do pecado, e irá alcançar o paraíso – o mais elevado mundo, daqueles cujas ações são puras e virtuosas (18.71).

Ó Arjuna, você escutou isto com sincera atenção? A sua ilusão, nascida da ignorância, foi completamente destruída? (18.72).

Arjuna disse: por Sua graça minha ilusão foi destruída; eu adquiri auto-conhecimento; minha confusão a respeito do meu corpo e Espírito foi dissipada; e eu obedecerei Seus comandos (18.73).

Saṅjaya disse: assim, eu escutei este maravilhoso diálogo entre o Senhor Krishna e Arjuna, arrepiando sucessivamente o meu cabelo (18.74).

Pela graça do sábio Vyasa, eu escutei este maior segredo, e o Yoga supremo, diretamente de Krishna, o Senhor do Yoga, que em pessoa falou para Arjuna, diante dos meus olhos clarividentes, concedidos pelo sábio Vyasa (18.75).

Ó rei, pela repetida lembrança deste maravilhoso e sagrado diálogo entre o Senhor Krishna e Arjuna, eu estou tremendo a cada momento, e (18.76).

Sempre que recordo, Ó rei, a maravilhosa forma de Krishna, eu fico muito impressionado, e me regozijo repetidamente (18.77).

Em todo o lugar que estejam, tanto Krishna, o Senhor do Yoga (ou Dharma na forma das escrituras), e Arjuna, com o arco da obrigação, e proteção, ali haverá prosperidade, vitória, felicidade, e moralidade. Esta é a Minha convicção (18.78).

Fim do Bhagavad-Gita